

Coletânea de
Poemas
e
Contos

◊ Vol. V ◊

Ademir Pascale
- Organizador -

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-27530-6
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

AMOR DETIDO NO TEMPO, POR ADRIANA DE VASCONCELLOS MANCINI, PÁG. 05
O MERGULHO, POR ALCINO TEIXEIRA BRASIL, PÁG. 08
QUANDO O AMOR MUDA DE ENDEREÇO, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 13
BANHO DE LUA, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 17
A AURORA BRANCA, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 19
JAMAIS, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 21
A SEPULTURA DA OPORTUNIDADE, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 23
A LUZ DA ESSÊNCIA, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 25
CATECISMO, POR COSMOGENEALOGIA, PÁG. 27
MISANTROPIA, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 31
CAMARADA, POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA, PÁG. 37
ACERTO DE CONTAS, POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA, PÁG. 39
O DRAGÃO DO POLO NORTE, POR TEIÚ DO TEJO (FLÁVIO JOPPERT), PÁG. 41
AMOR DE SACRIFÍCIO, POR GILMARCUS SANTOS, PÁG. 43
QUANDO EU ME TORNAR CASA, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 47
ETERNAMENTE JUNTOS, POR JACKIE, PÁG. 49
O QUE RESTOU NO MAR, POR MARA MANCINI, PÁG. 54
ETERNOS NAMORADOS, POR MARA MANCINI, PÁG. 56
MEU CORAÇÃO, MEU MUNDO, POR MARCO ANTÔNIO BRUNIALTI, PÁG. 58
GRAVIDADE, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 60
ESPERA, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 62
MALDITOS BORRACHUDOS, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 64
BELINHA E OS MARUJOS, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 67
JOSUÉ SABIA, POR SEBASTIÃO SOARES, PÁG. 70
MEMÓRIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 75
ID, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 77
CARTA À MEDEIA, POR SÉRGIO LOUREDO, PÁG. 79
A ORIGEM DO SEMBA (O HOMEM QUE SE TORNOU VENTO...), POR WANDERMENDZ, PÁG. 83
AMOR QUE SE FAZ, POR YOUSSEF BOUGUERRA, PÁG. 87
DESPEDAÇADO, POR YOUSSEF BOUGUERRA, PÁG. 90
O EVANGELHO DE SAMUEL, POR COSMOGENEALOGIA, PÁG. 94
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 99

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA
DE POEMAS E CONTOS
VOL. V

SELO CONEXÃO LITERATURA

— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

AMOR DETIDO NO TEMPO

POR ADRIANA DE VASCONCELLOS MANCINI

Adriana de Vasconcellos Mancini: Graduada em Letras pela PUC/MG, com mestrado em Teoria e Prática de Ensino de Idiomas Estrangeiros pela Universidad Pedagógica José Martí – Camaguey - Cuba e Estudos Linguísticos pela UFMG. Como professora de idiomas lecionou na PUC, UFMG, UEMG e Faculdade Newton Paiva. Escritora e tradutora (inglês e espanhol).



Apesar de ser casada e ter dois filhos, Magda sentia-se vazia, fria e sem sorte no amor. Mesmo assim, continuava fiel ao marido, que só pensava em beber.

Já fazia muito tempo que aquela sua "doce loucura" não soprava um romance na brisa da noite. Ela parecia um fantasma claro sobre um rio escuro. O tempo havia passado rápido demais, sem que seu coração, pesado e sombrio, batesse de verdade. Por isso, repetia sempre:

— A montanha só se abre para a própria sombra.

Até que, um dia, apareceu Roberto, como um anjo trazendo a chave do amor. Ele seria sua libertação, porque ela era daquelas que sofrem em silêncio, sem maldade, sob o céu imenso. A lua triste iluminava a noite pesada da primavera.

— Ninguém vai apagar nossos dias — dizia Magda a Roberto.

E assim viveram um amor profundo, sem barreiras, sem preconceitos, sem culpa. Um amor novo e, ao mesmo tempo, avassalador, que só compreendia a linguagem dos corpos e das almas.

— O amor canta no meu coração graças ao pássaro que acabou de chegar — dizia Magda.

— Vamos fazer o pão com nossas próprias mãos — murmurava Roberto. — Vamos sentir frio juntos, percorrer o país de ponta a ponta, viver a vida com os olhos na terra e o coração no céu. Temos o direito a um novo amor, sem o gosto amargo da chuva.

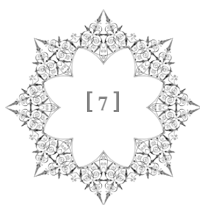
E entregavam-se um ao outro, do olhar ao desejo.

Magda, com sua beleza rústica, enquanto cuidava do jardim, às vezes recordava a tristeza do passado para alimentar a chama do presente. Aprendeu a compartilhar seus sentimentos com o ritmo e a música de seu companheiro, cantor e boêmio, o único capaz de fazê-la sentir-se plenamente ela mesma. Vinte anos se passaram assim, um entregando-se ao outro como as abelhas se entregam ao mel.

Mas, numa noite escura, de repente, Roberto voltou ao seu antigo ninho. Magda ficou com o coração endurecido e passou a recordar os bons tempos com os olhos tristes. Não eram os deuses da mitologia que decidiam o destino deles. Era o deus do tempo e das tempestades que trazia o presságio da separação, por causa da outra vida íntima de Roberto. Um vento sombrio derrubava os astros dourados. O sofrimento eterno havia chegado para os dois, sem volta.

Eles ficaram sozinhos. Cada um se refugiou em seu canto da cidade, mas continuaram se amando de longe, sem se tocar. Que dor é amar sem poder abraçar! Até hoje, Magda segue esperando por ele. E Roberto, segundo os amigos, entre uma música e outra, murmura:

— Voltarei.



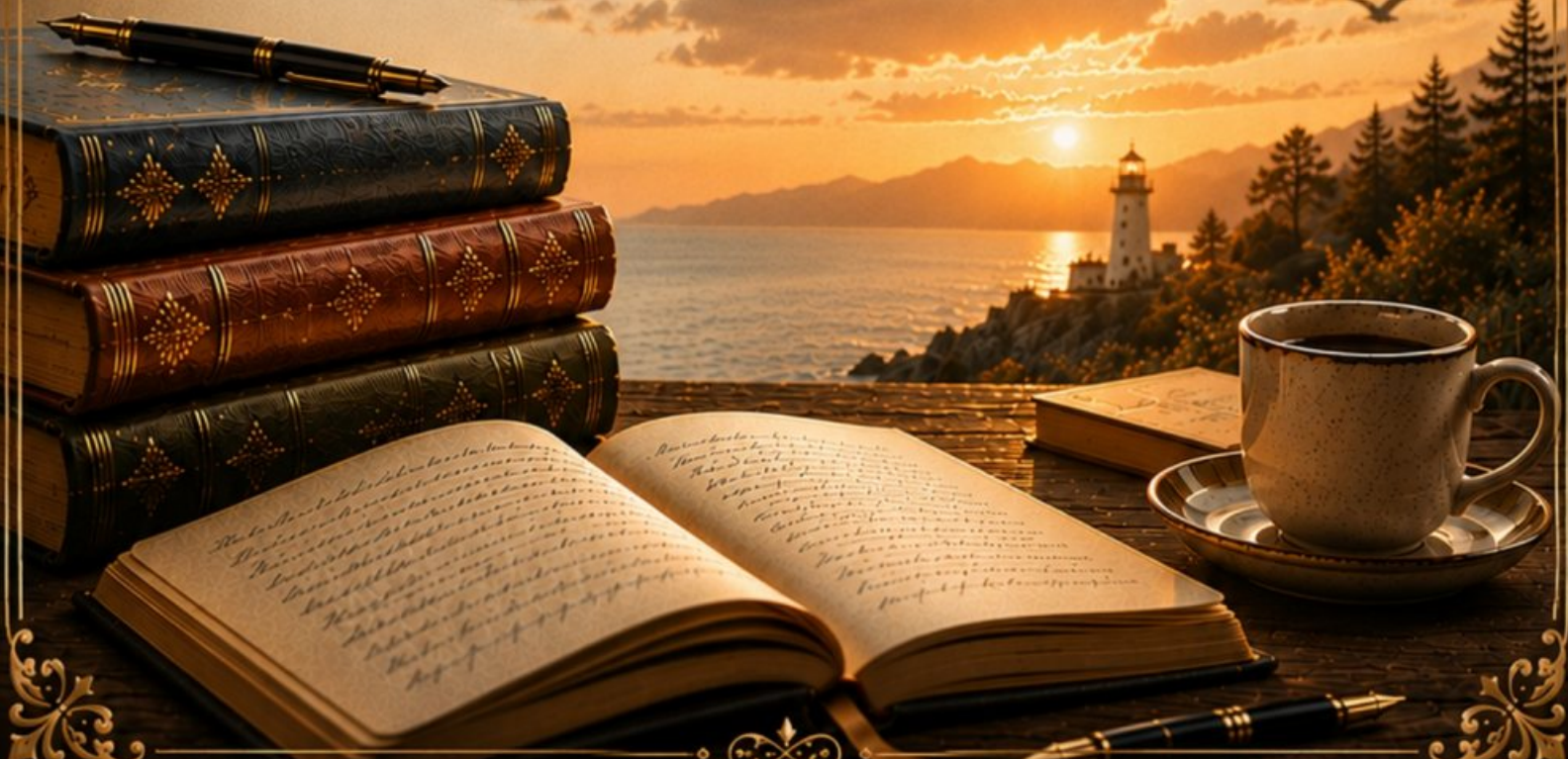
APRESENTAMOS

O MERGULHO

POR ALCINO TEIXEIRA BRASIL

Cearense de Fortaleza, Alcino Teixeira Brasil nasceu em 1939. Filho do industrial Alcino Montenegro Brasil e da professora Rita Augusta Teixeira Brasil. Formou-se na AMAN, no IME, na UNIFOR e na UECE. Mestre em Engenharia de Sistemas, em Direito Constitucional e em Filosofia, sempre teve o magistério como sua grande paixão. Casado com Maria de Paula Carvalho Brasil, tem cinco filhos e doze netos. É membro da Academia Fortalezense de Letras e já publicou dez romances a saber: Curió; Os Quatro Fogos; Confissões ao Padre Bernardo; Zé Maria Brasileiro; O Morro Maldito; A Mina de Ouro do Ipu; A Romaria; Ratanabá; Diário de um Soldado da Borracha e A Casa e o Tempo.

Instagram: @alcinotbrasil



Adelaide tinha 34 anos e ainda estava solteira. Tivera diversos relacionamentos, mas em nenhum deles construíra uma união estável e duradoura. Em seu círculo de amizades, havia poucas pessoas que considerava amigas do peito e com as quais podia abrir a caixa de seus segredos. Uma delas era Ticiane, que tinha praticamente a mesma idade que ela. Na verdade, era um pouquinho mais nova, mas ninguém notava isso. Era com Tiça, como a chamava, que havia combinado ir à Praia do Futuro naquele domingo ensolarado para pegar um bronzado.

O horário combinado para se encontrarem na praia era às 10 horas, quando o sol já estivesse começando a esquentar. Mas, como sempre, a amiga estava atrasada. Adelaide sentou-se em uma das cadeiras da barraca que costumava frequentar, onde um umbrelão colorido protegia a mesinha dos raios solares. Já eram dez e meia, e nada de Tiça chegar. Como estava acostumada com a impontualidade da amiga, não se importou em esperá-la. Puxou a cadeira para um lugar onde o sol incidia diretamente, passou protetor solar no rosto e no corpo e iniciou seu banho de sol.

Nesse instante, um homem, trajando apenas um calção de banho, aproximou-se e perguntou se podia deixar seu boné, contendo provavelmente a camiseta, no pé da mesa da barraca enquanto dava um mergulho rápido. Ela levantou a cabeça, protegeu os olhos dos raios solares e notou que ele tinha aproximadamente sessenta anos. Era um pouco calvo, mas ainda estava muito enxuto e, pensou consigo, provavelmente "daria um bom caldo". Fez esse raciocínio rapidamente enquanto concordava com o pedido do homem.

Ele agradeceu, colocou o boné, contendo a camiseta e a chave do carro, no pé da mesinha e, voltando-se para o mar, saiu caminhando vagarosamente em direção ao lugar onde as ondas quebravam. Ao chegar lá, abaixou-se, pôs a mão direita na água e persignou-se. Continuou caminhando, vencendo as pequenas ondas que chegavam até que a água lhe alcançasse a cintura. Em seguida, mergulhou, desaparecendo parcialmente da visão de Adelaide, que o acompanhava com os olhos, já quase fechados por causa do agradável mormaço.

Ele emergiu mais adiante e, com vigorosas braçadas, ultrapassou a arrebentação. Era um bom nadador, e nadar no mar era um de seus passatempos favoritos. Sabia, por experiência própria, que a Praia do Futuro era perigosa, pois, situada à direita da Ponta do Mucuripe, sofria a influência das correntes marítimas vindas do alto-mar. Ainda se

lembrava das férias trágicas em que uma prima carioca havia se afogado naquela praia, apesar do esforço de outro primo que, tentando salvá-la, quase morreu também.

Já estava a uns cinquenta metros da praia quando resolveu parar e voltar para a areia. Pegaria o boné com a camiseta e a chave do carro, que haviam ficado aos cuidados daquela bonita coroa e, quem sabe, conversaria com ela. Talvez dali surgisse alguma coisa de concreto.

Foi nesse instante que sentiu um forte puxão nas pernas, que o conduziu para um redemoinho. Sabia, por ouvir falar, que os redemoinhos surgem devido ao encontro de correntes que circulam em direções diferentes e colidem umas com as outras, passando a girar em torno de um mesmo eixo e produzindo uma corrente circular e uma forte pressão para baixo, conhecida pelos marinheiros como turbilhão.

Sua experiência nessas situações era mínima, mas sabia que era impossível vencer um redemoinho e que o melhor a fazer era deixar-se arrastar até que o próprio redemoinho o expulsasse do turbilhão. Por outro lado, também sabia que a força gerada por ele poderia desorientar e prender o nadador debaixo d'água, tornando impossível escapar.

Tudo isso lhe passou pela cabeça numa fração de segundos depois de cair no redemoinho. Prendeu a respiração e pensou que, depois de entrar no turbilhão e permanecer submerso, poderia demorar muito até ser resgatado, pois a profundidade e a força do redemoinho determinariam quão longe seria arrastado para baixo. Sua esperança era que aquele redemoinho durasse apenas alguns minutos e lhe desse uma chance de sobreviver.

Nesse ínterim, a amiga de Adelaide ligou avisando que havia surgido um imprevisto e que não iria mais à praia. Adelaide não teve sequer tempo de contar sobre o aparecimento — e agora o desaparecimento — do sessentão enxuto que lhe pedira para guardar o boné enquanto mergulhava. Levantou-se e procurou, com os olhos, a cabeça do nadador. Não viu nada, embora o dia estivesse claro e o sol brilhasse intensamente. Procurou também por um guarda-vidas, que normalmente permanecia naquele ponto da praia, mas que, dessa vez, não estava ali.

Em sua agonia, o homem compreendeu que não conseguiria escapar daquele redemoinho. Sua esperança era que, ao atingir o fundo, fosse lançado para fora do turbilhão. Mantinha a respiração presa desde o momento em que caíra na corrente, e já havia passado tempo demais. Procurava não reagir à força da água, pois sabia que isso apenas aumentaria seu desespero.

Enquanto afundava, pensou rapidamente em sua vida. Quantas batalhas havia travado! Quantos amores vivera! Pensou nos filhos, na ex-mulher e nos pais. Tudo passou por sua mente como um filme acelerado. Pensou em Deus, que o criara. Pensou em Jesus, Filho de Deus, e em Maria, sua amada mãe. Aos poucos, foi soltando a respiração, enquanto a água invadia seus pulmões e ele se entregava ao turbilhão.

Depois de muito tempo e já sem esperança de vê-lo retornar, Adelaide concluiu que a pior hipótese havia se confirmado: o sessentão se afogara. Apanhou o boné no pé da mesinha e retirou de dentro dele uma camiseta regata e a chave de um carro com o emblema da Volkswagen. Recolheu seus pertences na sacola de praia e caminhou em direção à calçada para tentar descobrir onde o carro estava estacionado. Fora à praia de Uber, pois deixara seu próprio veículo em uma oficina próxima de casa e pretendia voltar com Tiça.

Caminhou alguns metros, acionando repetidamente o controle remoto da chave, até que um carro respondeu ao sinal. Abriu a porta e encontrou, debaixo do banco do motorista, uma carteira preta contendo uma nota de cinquenta reais e alguns documentos. Reconheceu o rosto do sessentão, embora a fotografia fosse antiga e ainda não mostrasse sua calvície. Leu seu nome — Mário — e viu também o endereço. Decidiu, então, conduzir o veículo até a residência dele.

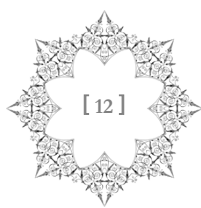
A rua onde Mário morava não ficava muito longe e, pelo número, percebeu que era até próxima de seu apartamento. Adelaide era uma boa motorista. Ajustou o banco e rapidamente se adaptou à direção do veículo. Ficou pensando:

— O que direi quando chegar à casa dele? Não teria sido melhor chamar a polícia?

Pensando nisso, dirigiu até a residência de Mário e estacionou em frente ao imóvel. A rua estava deserta, e a casa ficava no fim do quarteirão. Desligou o carro, desceu e apertou a campainha instalada no muro baixo. Ficou esperando, ainda sem saber o que diria quando alguém aparecesse.

Mas qual não foi seu espanto quando a porta se abriu e o sessentão enxuto surgiu usando chinelos Havaianas e calção de banho, pronto para ir à Praia do Futuro. Adelaide levou um enorme susto e, por alguns instantes, perdeu a voz. Suas pernas começaram a tremer, e ela não soube o que dizer enquanto lhe estendia o boné, a camiseta e a chave do carro.

Mário, muito tranquilo, pegou o boné, vestiu a camiseta e agradeceu a Adelaide a gentileza de haver trazido o carro que deixara, no dia anterior, na oficina. Em seguida, perguntou se ela aceitava uma carona. Como Adelaide permaneceu sem responder, ele entrou no carro, deu a partida e seguiu em direção à Praia do Futuro.



APRESENTAMOS

QUANDO O AMOR MUDA DE ENDEREÇO POR CÉLIA LOPES

Célia Lopes é professora aposentada, historiadora e escritora. Natural de Novo Cruzeiro, Minas Gerais, reside em Formosa, Goiás. Graduada em História e pós-graduada em Educação Especial e Diversidade, dedicou mais de duas décadas à educação pública. Sua escrita aborda temas como memória, espiritualidade, inclusão, afetos e condição humana. Participa de coletâneas literárias e projetos culturais em âmbito nacional. Acredita que a literatura é uma forma de preservar aquilo que o tempo não apaga.



Nem tudo o que parte
vai embora.

Há presenças
que aprendem a morar
na arquitetura invisível da alma.

Meu pai ainda vive
no cheiro da terra molhada
depois da chuva.

Minha mãe continua acendendo manhãs
em cada gesto de cuidado
que encontro pelo caminho.

A infância,
essa pequena pátria perdida,
não desapareceu.

Transformou-se em raiz.

Há dias em que o mundo
corre depressa demais,
como se tivesse medo do silêncio.

Mas o silêncio sabe.

Ele guarda os nomes
que o tempo não consegue apagar.

Guarda as vozes
que já não escutamos

e, ainda assim,
continuam falando dentro de nós.

Aprendi que viver
não é colecionar chegadas.

É reconhecer permanências.

Porque algumas pessoas
não ficam nos lugares.

Ficam em nós.

E quando a saudade visita,
não encontro apenas ausência.

Encontro caminhos.

Vejo flores surgindo
onde a dor imaginava deserto.

Vejo luzes acesas
em janelas que a memória recusou fechar.

Então compreendo:

o amor verdadeiro
não termina quando os olhos perdem de vista.

Ele muda de endereço.

Passa a habitar
o território secreto

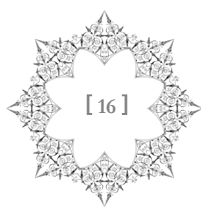
onde a eternidade
aprende a falar
a linguagem humana.

E ali permanece.

Como uma estrela silenciosa.

Distante.

Mas incapaz de deixar de iluminar.



APRESENTAMOS

BANHO DE LUA POR CISTERNA DE LUZES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



E a sua escrita foi sendo, de novo, a facilidade esvoaçante que lhe chega como cantata reunida: suas flores colhidas em braçadas de lua celeste são ninhos de amores do envio: por esse Sublime Pavio, as acesas luzes das noites sem nome, em ricocheteio de Melhor gorjeio, iluminaram porque refletiram. Porque refletiram foram ondas de luzes dispersas e dispersantes.

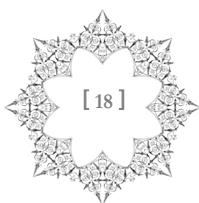
Como bons amantes, até os grilos das noites das résteas pretas, em abraços de hipnotizados olhares embevecidos, ao se misturarem às marés de lua cheia, em claridão do banho de melhor significação, ao se despirem dos seus fraques pretos das baixas marés de seus mares de vozes estridentes, por mergulho da simplificação, conseguiram, até eles, nestes escuros dos escombros de perdidos amores, até eles, por música dos embalos das luzes dispensadas, até eles deixaram suas escondidas calçadas.

E hoje, o conluio do preto com o branco da enchente da luz não é mais embate da significação com a não significação.

Hoje, meus irmãos das águas claras, o verme escondido já é metamorfose do levantamento.

Nesse renovado do alentamento, a batalha da brancura limpa-o de sua negritude mais impura!

Nós, os da claridão.



APRESENTAMOS

A AURORA BRANCA
POR CISTERNA DE LUZES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Ele pensara que já engatinhara: e isso o fizera!

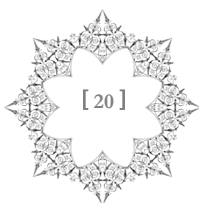
Ele pensara que já caminhara: e isso o fizera!

Ele julgara que já pensara: e isso o fizera!

Ele achava que já voara: e isso já o fizera!

Apenas esquecera que aquelas não eram as suas asas e, aquele macio dorso das penas aveludadas que chegaram, não eram apenas seu doce flamar, mas também fora seu abençoado recomeço.

Recomeço que começara como frutas da árvore do seu sofrimento e, agora, por posterior lamento, ao após do abandono das asas fechadas, ao se esgueirar por entre molhados panos (suas lágrimas abandonadas), no novo dorso da graça branca da esperança do adorno da alveolada garça muito amada, ao flamar suave de quase imortalidade, a brisa dos novos sussurros são bênçãos aprazíveis dos novos tempos de horizontes que se aproximam.



APRESENTAMOS

JAMAIIS POR CISTERNA DE LUZES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Nunca mais deixes hiato existencial da boa ação em tua salvação.

Nunca mais sejas serpente enroscada em tua calçada.

Nunca mais engatilhes peçonha de boa ação em tua adequada união.

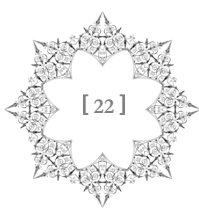
Nunca mais esculpas bote engatilhado de serpente enroscada em tua própria sacada.

Jamais, é dito jamais, escondas ou esconderás o teu pincel da tua benemerência.

Jamais, é dito jamais, estraçalhes tua pena do teu bico escrevente.

Se isso o fizeres de novo, o teu renascimento da alma que se evola, para cantar sublimes melodias de vôos do espírito que procura a Altura, se isso o repetires com esse ímpeto de desprezo pela proeja da continuidade, sabes que serás devorado pelo ninho de serpente enroscada, qual ovo de podridão e nunca, nunca mesmo, germinarás mais em ressurreição da tua própria união.

Nós, os teus 4 Conselheiros.



APRESENTAMOS

A SEPULTURA DA OPORTUNIDADE
POR CISTERNA DE LUZES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Quem quer melhorar para se desinstalar?

Quem quer procurar vida de Boa Acolhida?

Quem quer ser mais do que cadáver de formiga?

Quem quer ser flor enviada a toda a passarada?

Quem quer ser a folha da primavera que não saberá nunca, mas, nunca mesmo, o que é ser mortalha de sepultura dos tempos de verão?

Por que ficas aí, tu o preguiçoso e vós, os conformados, como pombas brancas de peitos muito estufados? Não é essa a miséria da estagnação em poleiro da deserção?

Pensas tu, tu o que te aprisionas em tuas celas de cadeias envernizadas e vós, vós os dos archotes das tintas pretas, por que vós todos(desertos e desertores) sois péssimos leitores?

Não bastaria a vós ouvirdes a Minha voz, não é ela a que vos conclama e vos reclama?

Essa reclamação é a que vos clama com ardor de oração: por que só sepultais vossa indignação ao conformismo quando os dizeres do fim(vosso) vos chega como adeus da oportunidade sepultada?

Tu, a oportunidade encerrada.



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

A LUZ DA ESSÊNCIA
POR CISTERNA DE LUZES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



O que para uns é dia, para outros é noite sombria.

O cego de olhos bem abertos e situação muito confusa, assim se expressava enquanto se indagava.

Enquanto a luz lhe implorava por abertura em respostas muito bem postos, o das noites das cegueiras barrava-lhe a entrada: não encomendara viseiras?

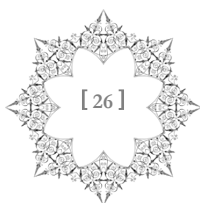
E as pequeninas goteiras/crianças de luzes avançantes seguiam na tentativa de visitas da saúde naquelas noites das tristezas das sombras dos impedimentos.

Para o outro, no mesmo lustre de existência dependurado, a claridade da imantação era visitagem da permanência.

— Por vezes, as sombras que lhe refrescavam de sua Luz, eram pausas de desenvolvimento.

— Noutras ocasiões, quando aquelas cintilações lhe dilatavam a pupila em dores arregaladas, ele se encolhia no seu leito dos seus descansos noturnos: mas, nunca, vede bem, nunca ele se esquecia de sonhar com a essência do seu dia-a-dia.

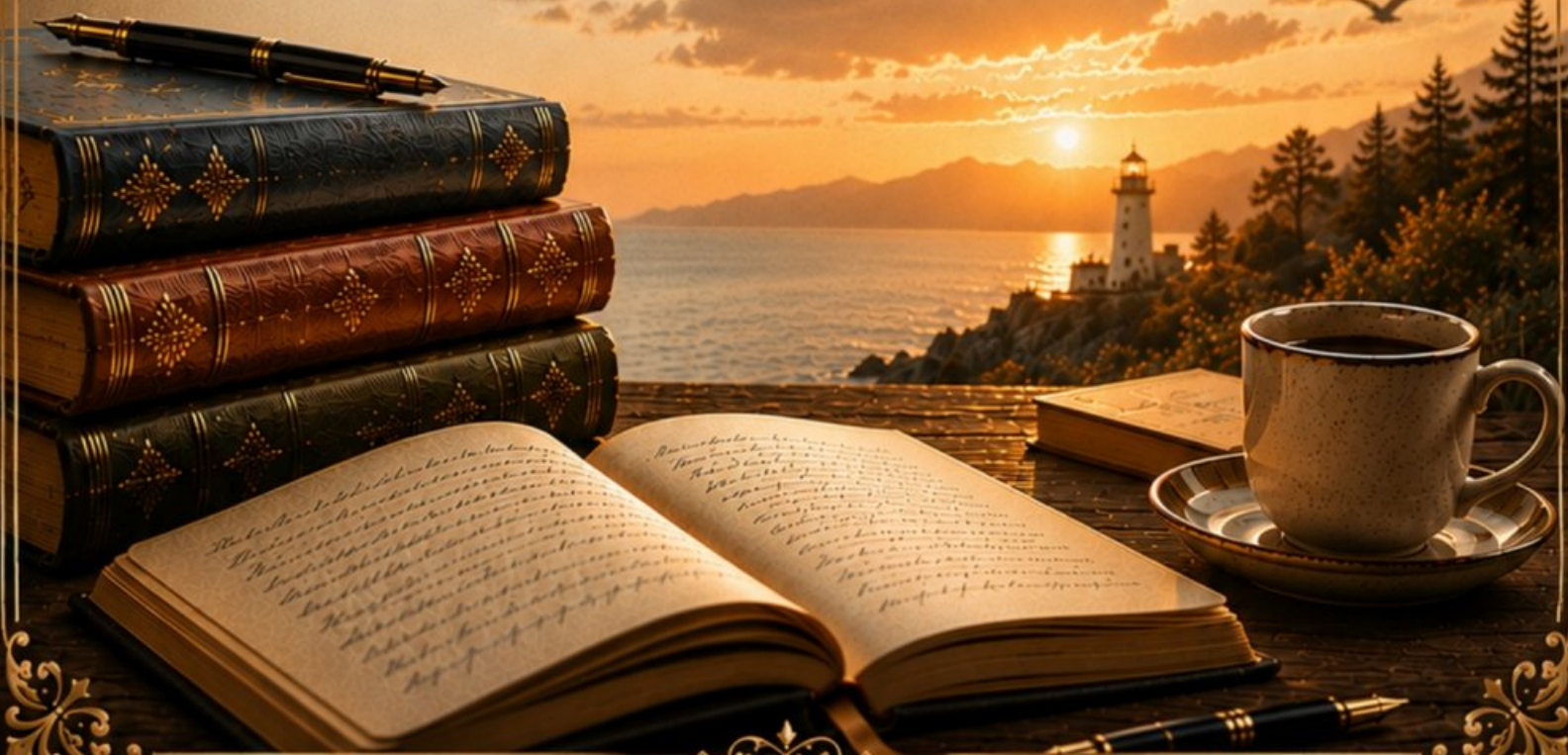
Eu, a Luz da tua essência.



APRESENTAMOS

CATECISMO POR COSMOGENEALOGIA

Cosmogenealogia prenuncia o estudo sistemático e multidisciplinar que pretende estudar a origem, destino e natureza da Humanidade Terrestre, para além da condição física e circunscrita ao Planeta Terra, para além disso, relembra e resgata nossa condição de espíritos livres, energia quântica condensada, luz concentrada, enfim, Seres Cósmicos e Universais. Cosmogenealogia trata de espiritualidade em alto nível tendo como assunto vertical a transição planetária; todos os tomos, 4 no momento, estão disponíveis para download gratuito nesse mesmo perfil do Instagram. Catecismo compõe a obra, tomo IV, tópico 40, é um conto refinado e relata um terno encontro de um doce menino e o Magnânimo Mestre Jesus.



A aula de catecismo já havia começado. João Marcos estava em seu lugar cativo, ao lado de uma ampla janela, que lhe dava vista para um lado do grande colégio católico, naquela ala de imensos ciprestes e outros arvoredos dispostos ao longo do muro alto. Num dos cantos, o parquinho de diversão, com seus brinquedos estáticos e aquela areia branca, fininha.

A professora já havia lido um trecho da Bíblia e partia para as explicações.

— Porque, quando Jesus disse que, se houvesse duas ou mais pessoas reunidas em Seu nome, Ele ali estaria...

Nessa hora, o pensamento de JM desandou, foi para as alturas. Pensava agora consigo mesmo: Sim, Ele disse que, se houvesse duas ou mais pessoas, Ele ali estaria... Mas não disse que, se você estiver sozinho, você pode pensar em Jesus e o alcançará. Ah, se eles soubessem...

A professora terminou sua explicação e observou bem: JM distraído, olhando para fora da janela. De onde ela estava, pelo ângulo, não divisava para o que ele tanto olhava.

— O que você entendeu do texto, JM? — perguntou ela sorradeira, querendo lhe pregar uma troça, sabendo da sua distração.

JM fora apanhado de surpresa, sim, mas esperou por um instante antes de responder.

— A vida é bela, professora. — Respondeu assim, sem mesmo saber do que se tratava.

A professora riu-se satisfeita.

— Muito bem, JM, boa resposta.

Claro, no fundo, não queria constranger JM. Era um menino muito bom; gostava muito dele.

— Muito boa sua resposta, JM. Se considerarmos que tudo vem de Deus, então podemos concluir que Deus muito nos ama e de tudo nos garante, nos dá fé e esperança e até o pão de cada dia em nossa mesa... Muito bem. — Saiu-se assim também por alto... No recreio falaria com ele; sabia onde ele gostava de ficar...

No intervalo, aproximou-se de JM para uma conversa. Nesse momento, uma colega que estava com ele se afastou, agradecendo alguma coisa que ganhara dele, mas ela não viu o que era.

— Para onde você tanto olhava, JM, que nem na aula prestou atenção, de novo?

— Eu olhava um passarinho, professora. Era um beija-flor. Vi quando se aproximou do pergulado de primavera. O sol batia em suas asinhas, que reluziam em muitas cores. Era lindo ele. E aí ele foi beijando várias flores. Aí eu me lembrei da aula de Biologia, da polinização das plantas que a professora explicou. Então, professora, eu pensei: como tudo é mesmo perfeito e tudo se encaixa na criação de Deus. A plantinha produz o melzinho lá dentro da copinha dela. Ela sabe que o beija-flor virá. Não sabe ao certo quando virá, mas tem sua fé e acredita sempre. Por fim, o beija-flor aparece. Porque ele também precisa comer, o coitadinho; devia estar com a barriguinha vazia. O beija-flor também, por sua vez, não sabe se vai ter melzinho lá na copinha daquela flor. Talvez um outro passarinho tenha passado lá antes e bebido tudo. Mas ele insiste, tem fé, acredita que tem e vai lá ver, porque, se não tivesse fé, nem iria lá, não é mesmo? Ele investiga todas, uma por uma. Se vai embora rápido, é porque está vazio; se demora um pouco mais, é porque achou. Aí ele se esbalda. A gente até vê a gargantinha dele fazendo glub-glub. É muito engraçadinho... — Riu-se inocente.

A professora disfarçou, ajeitando os óculos, mas limpou uma lágrima que teimava em escapar rosto abaixo.

— O que é que você deu para a Verinha? — perguntou a professora.

— Um chocolate. Tem mais um aqui, quer um? Enquanto a senhora explicava, eu observei ela de cabeça baixa. Ela ainda está triste.

— Sim, JM, não é fácil perder um ente querido. — Disse a professora.

— Eu disse para ela isso, que não ficasse triste, que Deus não fez por mal. Ele é bom e só faz o Bem... Ele pode ter tirado o pai dela de junto dela, mas o levou para ficar mais perto Dele. Agora ela tem dois papais no céu: o pai dela mesmo e o Papai do Céu, que é nosso Pai Eterno, Pai de todos nós.

— Sim, JM, fez bem de ter dito isso a ela. Você é um bom menino. Eu preciso ir ali antes de terminar o recreio. Tchau. — Disse a professora e saiu.

Nessa hora, JM sentiu uma presença.

— Senhor, és Tu? — disse JM.

— Sim, JM, cá estou.

— Oi, percebi pela túnica...

— Estive aqui e observei o que você disse para sua amiguinha. Fez muito bem, JM. Confortou o coraçãozinho amargurado dela. E ela ficou muito feliz com o chocolate; é o preferido dela.

— Sim, esse é gostoso, e eu gosto muito dela também. Fiquei chateado vendo ela daquele jeito.

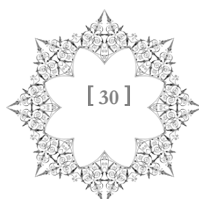
— Também te trouxe um presentinho. Veja o que trouxe para você, JM. Consegue saber o que é? — Disse e estendeu suas imensas mãos fechadas, com algo dentro. Abriu-as devagar, e de dentro saiu um beija-flor, batendo suas asinhas e voando ligeiro.

— Ah, não brinca... Era o Senhor?

— Sim, JM, era Eu. Estarei convosco até o fim dos tempos... Amanhã venho de novo te visitar, JM. Como será que eu virei? — Disse sorrindo.

Tocou o sinal do fim do recreio. JM abaixou-se para pegar o estojo.

— E eu... — JM olhou em volta e já não tinha mais ninguém. — ... Eu estarei Contigo todo o tempo, toda a minha vida, Senhor. — Disse ao vento, enquanto uma brisa suave balançava os ciprestes.



APRESENTAMOS

MISANTROPIA POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, foi criada em Brasília/DF, é Servidora Pública Federal e dedica-se à literatura como espaço de liberdade, memória e transformação. Escreve poesias, microcontos, contos, literatura infantil e crônicas, explorando afetos, pertencimentos e os mistérios da experiência humana. Também se dedica aos estudos simbólicos como taróloga e oraculista. Integra coletivos literários e revistas digitais, com trabalhos publicados em mais de trinta antologias. Em 2026, lançará obras na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.



Treze anos antes, o céu caiu. Os registros oficiais chamaram o evento de Explosão Meteórica.

Os sobreviventes deram outro nome: O Fim.

Durante semanas, fragmentos incandescentes atravessaram a atmosfera, oceanos avançaram sobre cidades, florestas desapareceram e milhões morreram. Outros milhões desejaram ter morrido.

O planeta continuou existindo, mas alguma coisa mudou. Não apenas no mundo, mas nas pessoas.

Os primeiros relatos surgiram meses depois da catástrofe. Homens que reconheciam os próprios filhos, mas já não conseguiam abraçá-los. Mulheres que abandonavam famílias sem saber explicar por quê. Crianças que observavam a morte dos pais sem conseguir chorar.

Os casos diminuíram com o passar dos anos, porém nunca desapareceram completamente. Apenas se tornaram raros o bastante para serem esquecidos.

Os especialistas chamaram aquilo de resposta pós-traumática coletiva. O diagnóstico tranquilizou muita gente; por pouco tempo.

Na madrugada de 11 de setembro, às 04h44, o celular de Helena acendeu. O aparelho estava desligado havia semanas. Mesmo assim, a tela brilhou na escuridão e uma única palavra apareceu: MISANTROPIA.

Helena leu duas vezes. Depois, três. Não havia remetente, aviso ou explicação. Somente aquela palavra. Ela teve a impressão de ver algo brilhando sob a pele da própria mão, semelhante a um ponto luminoso enterrado entre as veias. Piscou e desapareceu.

Ao seu lado, Daniel continuava dormindo. O filho tinha oito anos. Respirava devagar, abraçado ao cobertor azul que carregava desde bebê.

Helena desligou a tela e tentou voltar a dormir, mas, durante o resto da madrugada, teve a estranha sensação de que alguém a observava. Não da rua, nem do corredor. De algum lugar muito mais distante, como se um olhar atravessasse paredes, pele, pensamentos.

Na manhã seguinte, todos falavam sobre a mensagem. Todos haviam recebido a mesma palavra: MISANTROPIA.

Os humanoides investigaram, mas nada encontraram. Desde a reconstrução, a maior parte da administração do planeta era conduzida por eles.

Helena tentou esquecer; continuou trabalhando, vivendo, mas alguma coisa começou a mudar.

Numa manhã, Daniel caiu e machucou o joelho. Ela correu até ele por reflexo. Ajoelhou-se, olhou o sangue, ouviu o choro. Sabia exatamente o que deveria sentir porque lembrava da gravidez, da primeira febre, da primeira palavra, da primeira vez em que ele segurou seu dedo.

As memórias estavam ali. Todas intactas, mas a emoção não vinha.

Nada, absolutamente nada.

Uma semana depois, enquanto Daniel dormia, Helena passou os dedos pelos cabelos dele.

Esperou. Nada. Tentou recordar a sensação. Lembrou-se da primeira vez que o segurou nos braços, do cheiro da sua pele, do medo que sentiu quando ele teve febre, das noites em claro, mas as lembranças pareciam pertencer a outra mulher.

Sentada ao lado da cama, Helena percebeu que estava observando o próprio filho da mesma forma que observaria uma cadeira. Então começou a chorar. Não por amor, mas porque o amor não estava mais ali.

Helena passou a madrugada sentada ao lado da cama, esperando que alguma coisa voltasse.

Nos dias seguintes, ouviu histórias semelhantes. Um homem abandonara a esposa, uma mulher deixara o pai morrer sozinho, uma criança observara a própria mãe chorar sem demonstrar reação.

As pessoas continuavam lembrando, mas já não conseguiam sentir.

Na fila da distribuição de alimentos, uma menina chorava; devia ter cinco anos, segurava a barra do casaco da mãe.

— Estou com medo.

A mulher não respondeu e continuou olhando para frente, imóvel. O pescoço da mulher parecia conter um pequeno brilho sob a pele.

A menina insistiu.

— Mãe?

Nada. Nem irritação, nem impaciência, nem ternura. Apenas ausência.

Helena observou quando a criança começou a chorar mais alto e a mulher permaneceu parada. Por fim, a menina soltou o casaco e a mulher sequer percebeu.

O mundo permanecia o mesmo. Só o significado desaparecia.

Um mês depois, os sonhos começaram. Sempre o mesmo sonho: uma cidade vazia com prédios sem janelas e ruas cobertas por uma poeira cinza que parecia absorver a luz.

No horizonte, o céu permanecia imóvel. Da mesma cor que assumira durante os meses que sucederam a Explosão Meteórica.

Helena caminhava sozinha até perceber a figura parada ao longe, observando.

Nunca conseguia ver seu rosto, mas algo brilhava sob a pele; minúsculos pontos opacos, como fragmentos enterrados na carne. Às vezes, pareciam estrelas. Outras vezes, pareciam feridas acesas.

Quando a figura movia a cabeça, o brilho se deslocava por dentro dela, lento, como se alguma coisa estivesse viva sob a superfície.

Toda vez que Helena tentava se aproximar, o céu desaparecia e, por um instante, ela via os olhos da figura. Não tinham pupilas, nem íris, e eram da mesma cor do céu na noite em que os meteoros caíram.

Então acordava. Sempre antes que a distância entre os dois diminuísse. Sempre com a sensação de que aquela presença não a observava de longe, mas sim de dentro.

Então vieram os desaparecimentos. Uma colega de trabalho entrou no elevador; nunca saiu. Um supervisor atravessou uma porta; desapareceu.

Os humanoides não encontraram explicação. Ninguém encontrou.

O pior ainda estava por vir: os humanoides começaram a mudar também.

Primeiro foram pequenas falhas. Guardas abandonavam postos sem motivo, operadores interrompiam tarefas no meio da execução e permaneciam imóveis durante horas, observando paredes vazias. Alguns, simplesmente, desligavam os próprios sistemas.

Os relatórios registravam o mesmo padrão. As memórias permaneciam. O resto desaparecia.

As pessoas começaram a esquecer primeiro os detalhes, depois as vozes e os rostos.

Helena olhava fotografias antigas e sabia que havia alguém faltando, porém não conseguia lembrar quem. Era como encarar uma ferida sem recordar o acidente.

Numa madrugada, acordou às 04h44.

O quarto estava silencioso, estranhamente silencioso.

Olhou para a cama ao lado: vazia.

Por alguns segundos não compreendeu. Depois viu o cobertor azul, dobrado, sem ninguém dentro.

Daniel não estava lá.

Helena levantou-se e procurou pela casa inteira. Chamou seu nome. Abriu portas. Correu pelos corredores.

Nada, nenhum sinal ou vestígio. Apenas ausência.

Então algo terrível aconteceu.

Daniel. O nome ainda estava ali.

Daniel. Ela repetiu.

Mais uma vez. Daniel.

O rosto dele começava a borrar, como tinta molhada. Os olhos desapareceram primeiro. Depois, a voz. Por fim, o sorriso.

Ela correu até uma fotografia e viu a imagem inteira, mas ela já não sabia qual dos rostos era o dele.

Ao amanhecer, restava apenas uma certeza: alguém importante havia desaparecido, mas ela já não sabia quem.

Meses se passaram.

Anos.

A população diminuiu. Humanos e humanoides, sem distinção.

Todos desapareciam. Todos eram esquecidos.

Hoje Helena ainda acorda às 04h44. Sempre no mesmo horário e com a sensação de que existe alguém parado ao lado da cama, observando.

Quando abre os olhos, não há ninguém. Nunca há.

Às vezes, quando o celular acende sozinho na madrugada, ela encara a palavra por alguns segundos: MISANTROPIA.

Existe algo familiar nela, uma lembrança antiga. Mais antiga que os desaparecimentos, que os sonhos e que o próprio medo.

Um laboratório.

Uma cientista.

Algo encontrado nos fragmentos.

Algo que devolvia o olhar.

A pesquisadora desapareceu semanas depois e ninguém voltou a falar sobre ela.

A memória escapa antes que Helena consiga alcançá-la.

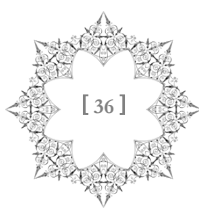
A tela se apaga.

O quarto mergulha novamente na escuridão.

E, pela primeira vez em muitos anos, ela se pergunta se o meteoro realmente destruiu o mundo ou se trouxe alguma coisa para substituí-lo.

Tenta se lembrar do próprio nome.

Apenas silêncio.



APRESENTAMOS

CAMARADA

POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

Nascido em Niterói-RJ, vive em Porto Alegre-RS. Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual, trabalha na PGE-RS. Sob o pseudônimo de Franco Calvero, teve duas poesias selecionadas em antologias publicadas pela Revista Conexão Literatura: " Canção dos Cinquenta Anos' e " Definição de Amor". Busca na poesia a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações e inseguranças.



Camarada, convido-te a trilhar na vida comigo.
Escute este calejado poeta, prepara-te para a revelação.
Na vida, cobra-se um caro preço por ser sensível.
Vivemos há muito tempo sob o jugo da fria razão.
Eis a verdade inexorável, ou aprendes isto ou virarás invisível.

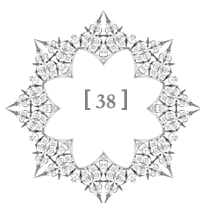
O “admirável mundo novo” e seus inúmeros paradoxos...
Apresentam uma miríade de inovações e deixam marginalizados milhões de
excluídos!

Não podemos fugir disto, sob pena de perecimento.
A inarredável conclusão, pois, é esta: conformidade ou esquecimento.

No entanto, é possível fazer a si próprio algumas concessões.
Permita-se a pequenos prazeres e não tema censuras.
Faça, sempre que possível, aventuras.
E, jamais, ignore as paixões!

Amizade envolve a arte de compreender, não é fadada a julgamentos.
O amigo verdadeiro não repreende, se faz presente em todos os momentos.
O amigo sincero escolhe adequadamente as palavras para dizer,
Acalenta o aflito que precisa tomar uma decisão.

Camarada!
Estarei sempre a postos para teu chamado.
Disponível a lutar contigo todas as batalhas.
Sou demasiado humano e com incontáveis falhas.
Porém mui leal e dedicado companheiro.



APRESENTAMOS

ACERTO DE CONTAS
POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

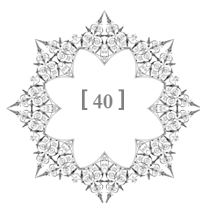
Nascido em Niterói-RJ, vive em Porto Alegre-RS. Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual, trabalha na PGE-RS. Sob o pseudônimo de Franco Calvero, teve duas poesias selecionadas em antologias publicadas pela Revista Conexão Literatura: "Canção dos Cinquenta Anos" e "Definição de Amor". Busca na poesia a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações e inseguranças.



Mundo, eu e você temos contas a acertar.
Hibernei por um quarto de século.
Vim buscar meus créditos e perseguir a glória.
Porém, perdi o trem da história.
O mundo prefere o novo, estou ultrapassado!

Enquanto tento conquistar seu coração,
A Palestina tenta construir uma nação.
Tento em vão ser ouvido,
Ao passo que Elon Musk fica cada vez mais rico.
Sinopse do mundo atual, do qual fui alijado.

Eu não peço muito, a não ser compaixão.
Condescendência com esse filho desgarrado.
Prometo trilhar em boa direção.
Oh, mundo, atenda a minha requisição!



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

O DRAGÃO DO POLO NORTE

**POR TEIÚ DO TEJO
(FLAVIO JOPPERT)**

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



(um conto sobre mudanças climáticas)

Nascido na Fístula, cidades do Mar Báltico, há esquerda do rio Salla, o Dragão do Polo Norte precisou migrar para o Brasil. Como sabemos se são 2 irmãos, o bem e o mal; se um é brasileiro, o outro também é. Por isso como o demônio é daqui sabidamente, ele logo encontrou uma diaba e arrumou “filhos”. Um deles o lobisomem guará porque nasceu no Brasil.

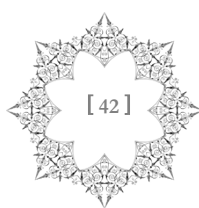
A infância do Dragão do Polo Norte foi difícil. Ele enfrentou guerras. Sua região foi devastada por grupos rivais que caíam de pau uns nos outros para controlar a violência dos inimigos. Tinha pouca comida por lá, com as guerras, menos ainda. No Brasil tinha o que comer.

Sempre que dá inverno no Brasil, o Dragão do Gelo “embarca” numa de tomar banhos quentes como se fosse a água do caldeirão em que refoga e cozinha os bois e porcos que come. O sistema de aquecimento é bem conhecido. Um frasco com álcool, uma serpentina, fogo. Dá para um banho de 15 minutos com água morna. No frio daqui, dependendo do dia e da hora, é algo meio desagradável.

Mas como o Dragão gosta daquela fritura em dia de “neve”, ele topa o banho a qualquer hora da noite. Como aquele calor faz falta, prefere tomar os banhos de 45 minutos a 1 hora, na hora em que o “filho” está em casa. Claro o boiler do Século XIX dá “pau” com 25 minutos de banho. O Dragão sai do chuveiro cuspidando o fogo da vingança, olha para cara do lobisomem que ele arrumou com a diaba e diz: foi você! (que me deu o banho frio torcendo o parafuso daquela engenhoca)

São minutos restantes de vida. Ele mata o “filho” todo inverno, porque não consegue tomar um banho de escalda porco em casa como se estivesse na boca do forno da Siderurgica Nacional. **É um ritual pagão** que ele repete todo o ano de matar o “filho” sempre que o boiler pifa na hora do banho quente de 1 hora no “inverno”.

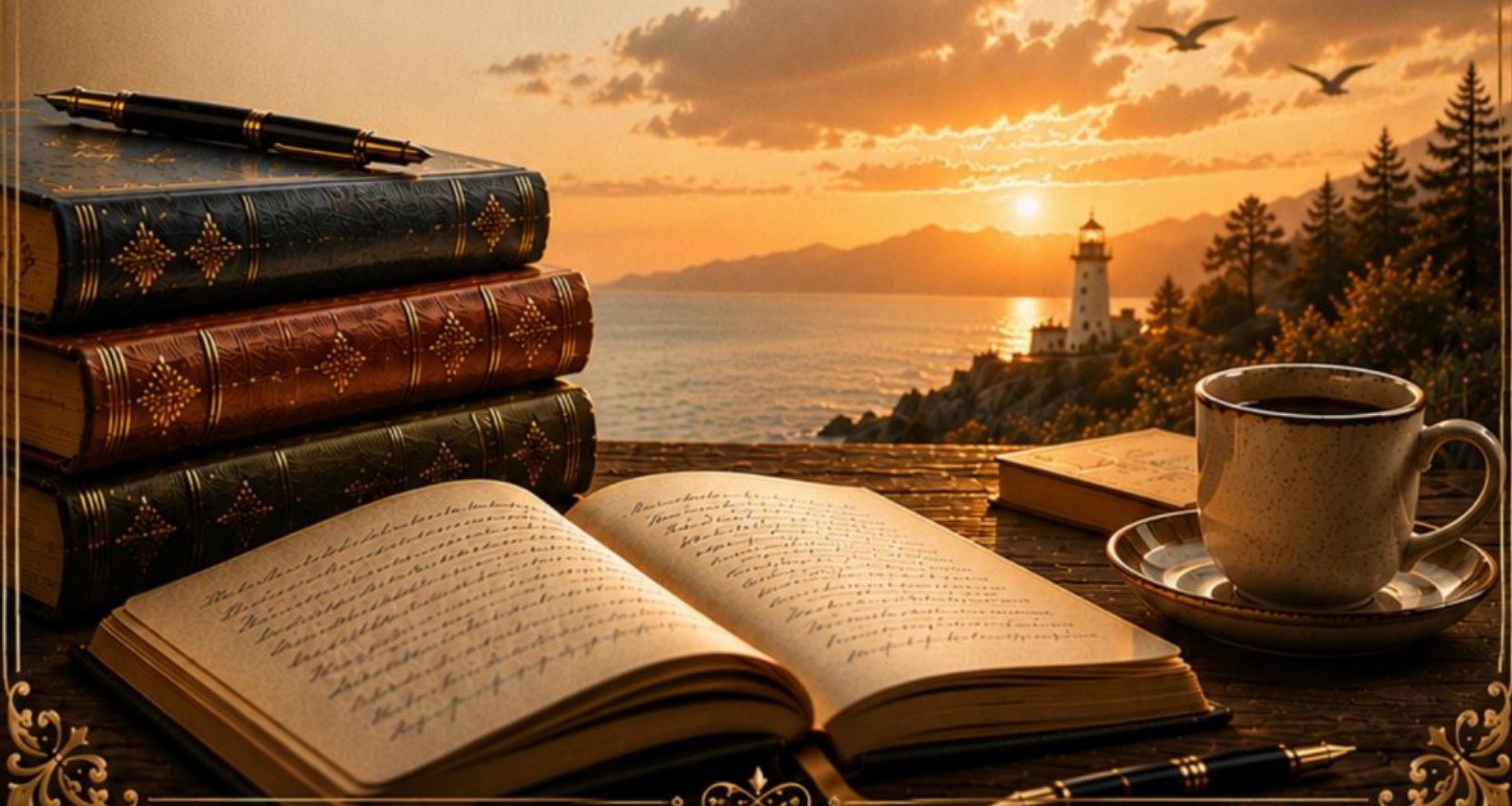
Assim renova-se a esperança do renascer naquele calor de fornalha ardente...
(depois se conta como é no verão)



APRESENTAMOS

AMOR DE SACRIFÍCIO POR GILMARCUS SANTOS

Gilmarcus Alves dos Santos, nasceu em Parnaíba, Piauí (cidade litorânea), em 4 de julho de 1976, filho de Elias Barbosa dos Santos (servidor público federal) e de Maria de Lourdes Alves dos Santos (professora). Embora litorâneo de registro, construiu sua vida e identidade em Luzilândia - PI, uma pequena cidade do interior do Piauí, que o acolheu e o agraciou com o título de Cidadão Luzilandenses em 2024. Iniciou sua trajetória laboral aos 16 anos, como ajudante na Biblioteca Municipal, despertou seu amor pelos livros. Sua carreira como professor e advogado é profundamente ligada à Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Em 2000, ingressou em Ciências Biológicas, especializando-se em Gestão Ambiental. Em 2004, conquistou uma vaga no curso de Direito em Parnaíba. Graduou-se em 2009 e, aprovado no Exame da Ordem em 2011. Estabeleceu escritório em Luzilândia - PI, onde atua há mais de 15 anos com firme compromisso com a justiça. Em 2026, com a bagagem do tempo e das experiências, Gilmarcus permite o despertar de seu "poeta adormecido" e lança o livro *Essência: Veredas e Fagulhas*. Como um aprendiz de poeta e sonhador consciente, sua produção literária surge como um contraponto necessário ao vício das "telas vazias" da modernidade.



Teu cheiro me atraiu como um grito
Segui teu rastro de feromônio e prece
A essência vinha como dedos sinistros
Garra de alma que o abismo tece
Fui ao sacrifício que dá sentido à vida
Levado pelo instinto, sem medo, sem guia

Voei mais leve, buscando o teu riso
Perdi o norte no olhar despido
Teus olhos lançaram golpes precisos
Deixou meu peito em sismo, partido
Cambaleante, em teus braços me rendi
Dobrei-me de joelhos, ali me perdi

Chego cansado ao oásis perdido
Após desertos de lugares vazios
Encontro a Rainha fria e exuberante
Ciente: ileso não há outra chance
Entreguei-me ao teu rito mistério
Nesse salão escuro e etéreo

Sob as luzes da noite camuflada
Desfaças intenções de amor que mata
Teu rosto é máscara de gueixa
Um ventre-armadilha, um rito de seita
Ninho-segreto de romance fatal
Num doce canibalismo mortal
Nesse impulso, em êxtase pleno
A fúria do sexo é tudo o que tenho
Decapitado, entrei em tuas entranhas
Meu corpo ignora as dores tamanhas
No ritmo frenético, cego e terrível

Degolado, meu corpo te obedeceu

Na dança cega de quem já não escolheu
Se é o amor ou a selvageria que venceu
Meus olhos não viram a fúria dos dentes
O zumbido agora ecoa lá fora
Não há mais peito, batidas ausentes
Minha voz calou-se, indo embora

No beijo frenético, a língua é roubada
Arrancada pelo desejo voraz
A pele que queimava, agora gelada
O suor misturou-se à saliva que jaz
Agora meu peito é teu pasto, onde a fome matas
Fui teu, muito mais do que imaginava

Em tuas sementes, por vias abstratas
Partes de mim são os frutos que alimentas
Na minha ruína, sou pai de tuas crias
Em tua espuma, o meu sangue acalenta

No fim do banquete, sensual e profano
Bebeste meu ente e meu sonho
Num desejo frenético de fome e pudor
Fui ceifado no gozo e na dor
E pouco antes de virar alma
A pele ardeu mais fria e calma

Despejei na tua fenda, antes de morrer
Toda a seiva que eu tinha, até o amanhecer
Num canibalismo doce, numa louca magia
Já não escuto o peito, só um eco que zumbia

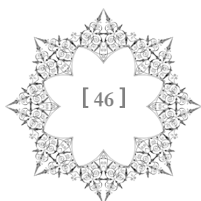
Do abismo escuto o teu canto aos deuses

Rogas por forças, quase desmaiada

Entre os teus reveses

Sou tua oferta, a mais escolhida

A maçã do amor que te deste a vida



APRESENTAMOS

QUANDO EU ME TORNAR CASA

POR ILKA MEIRELES

Ilka Vanessa Meireles Santos natural de São Luís – Maranhão. É graduada e mestra em Letras e, atualmente, cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês, dedica-se ao ensino e à pesquisa em sua área. Encontra na escrita um território de descoberta e sensibilidade.



Preciso acalantar
a menina que mora em mim,
dar carinho e atenção.

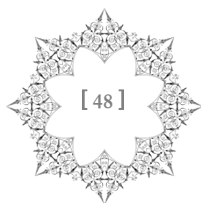
Serei sua mãe,
sua irmã
e sua amiga.

E te carregarei no colo,
minha menina.

Juntas,
brincaremos de roda,
de casinha,
giraremos ao redor de nós mesmas,
abriremos os braços
e, como borboletas,
seremos lançadas
a um voo solo.

Finalmente,
seremos donas de nós mesmas,
sem ninguém para dizer “não”,
sem expectativas alheias.

E, quando esse dia chegar,
finalmente
seremos nossa casa.



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

ETERNAMENTE JUNTOS
POR JACKIE

Jacqueline nasceu em Florianópolis, em 1963. É pós graduada em Pedagogia, séries iniciais e educação infantil, pela Univali. Atualmente é funcionária pública municipal aposentada.



Tudo começou numa simples conversa com a professora de pilates, que comentou: "Você disse que não sente cheiro". Isso mexeu comigo e na semana seguinte perguntei se ela gostaria que eu anotasse meu dia a dia com os cheiros. Ela disse que sim, mas a verdade é que eu já tinha iniciado o relatório. Algo me dizia para não deixar passar aquela enxurrada de pensamentos que borbulhavam na minha mente e comecei a colocar no papel. Sem me dar conta, percebi que não sentia mais cheiros. Não dei importância, parecia banal e ia passar, mas não passou. Fazendo esse relato, começo a buscar na memória alguns episódios anteriores e volto a 2005, onde já não sentia também os cheiros. Porém com o tempo, cada vez mais meu olfato diminuía e até achava engraçado: não sentir cheiros. É algo muito estranho e parecia impossível, difícil de acreditar, achava que em algum momento aquilo seria revertido. E passei muito tempo sem sentir nadinha de odores, principalmente os bons. Até que em 2017 veio o diagnóstico. Iniciaram os tremores e logo procurei uma neurologista. Tinha os três sintomas para um diagnóstico de Parkinson: tremor, rigidez e não sentia cheiros. Aos 54 anos, o Parkinson entrou na minha vida como uma bomba, como alguém jogar uma granada no teu colo e você segurar e não haver possibilidade de fazer um lançamento, ela é exatamente para você. Desabei no choro, mas era um choro de desespero, angústia, saudade, tristeza, culpa. Havia perdido minha irmã alguns dias antes do diagnóstico. Foi devastador, não tive tempo de pensar no Parkinson. O mundo desabava na minha cabeça. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Nesse momento, de tanto desespero, o Parkinson era o menor dos meus problemas. Sinceramente, receber o diagnóstico de Parkinson, me afetou muito, afinal, sou humana, tenho sentimentos, mas a dor da perda da minha irmã era tão grande e devastadora, era como se um pedaço tivesse sido arrancado de mim, sem anestesia. Ela era única, desbocada, simples, sempre atenta com o próximo, era maravilhosa, apesar de encrenqueira e chata (risos). Sou grata a Deus por ter conseguido falar para ela quando estava na UTI: Eu te amo, e ela responder: também te amo e foi a última vez que nos falamos.

O choro convulsivo vem e deixo que tome conta, pois cada vez que lembro dela sinto uma dor e saudade imensa. Nesse momento, o Parkinson era o menor dos meus problemas, então o enfiei o mais fundo que pude no bolso e lá ficou por um longo tempo. Falei para a neurologista que só havia conhecido uma pessoa com Parkinson e que levava uma eternidade para fazer a volta e ela me disse: "cada um tem o seu Parkinson". Nesse

mesmo dia fui informada que estava num quadro bastante depressivo e me encaminhou para um psiquiatra. As lágrimas são muito teimosas e parecem ter vontade própria porque teimam em rolar pelo meu rosto, assumindo o controle total sob minhas emoções. Posso dizer que Deus foi e é muito bom comigo, me trazendo o Parkinson para fazer lembrar que precisava desacelerar um pouco, me fazer lembrar quem eu sou, como vivo e o que estou fazendo comigo mesma.

Depois do Parkinson, porque eu sou uma pessoa antes e outra depois, passei a me olhar e me ver com outros olhos. Saber que preciso me cuidar, me amar, impor limites, estar de bem comigo mesma, ser Feliz. Não que eu mudei como pessoa, ser humano, isso jamais, minha essência é a mesma, mas o meu olhar atualmente mudou e para melhor. O Parkinson me deu uma nova perspectiva, por isso digo que ele é um grande amigo, parceiro, companheiro de caminhada, porque eu o encaro como uma bênção de Deus diante de tantos problemas e doenças que poderia ter sido acometida. E consigo fazer do Parkinson aquele velho amigo que me segue diariamente, meu maior e melhor seguidor. Com ele, rir das travessuras que fazemos juntos, como tremer e não precisar embalar os netos porque ele os embala sozinho ou segurar um objeto e ele o balançar. Então dou risadas com minhas irmãs, que não se acreditam das bobices que falo. Adoro gargalhar e ver os outros ao meu redor rindo das palhaçadas que falo. E uma das pessoas que mais adoro ver rir e se chacoalhar toda é a minha mãe. Outro dia ela falou: essa gurria não existe! É bom demais não levar a vida tão a sério. Eu vou à luta em tudo que faço e com muita alegria, boa vontade, buscando sempre me aperfeiçoar como ser humano, porque amo a vida. Amo minha família, meu marido, meus filhos, netos que são únicos e escolhidos a dedo por Deus para serem nossos netos e encherem nossa casa de tanta alegria e felicidade, meu genro e minha nora que são filhos do coração.

Um choro quase convulsivo retorna e paro tudo para permitir que ele venha, paro porque não consigo escrever, porém agora são lágrimas de agradecimento pela vida maravilhosa que tenho, pela alegria que conduziu minha vida. Deus me deu uma segunda chance através do Parkinson e quem não aproveita uma segunda chance? Só quem é louco ou ruim da cabeça e eu sou um pouco dos dois. Jamais desperdiçaria uma nova oportunidade e vivo a vida da melhor maneira que posso.

Observo que para minha família é mais difícil aceitar o Parkinson do que eu mesma, não por vergonha ou algo parecido, mas como uma forma de me proteger, especialmente meu marido, mas sei o quanto me ama e cuida de mim com muito carinho. Quando nos

conhecemos eu tinha 16 anos e ele 21 anos, músico da noite e eu mal podia sair de casa, mas sabia que era ele, algo dentro de mim sabia e estamos juntos a 46 anos. Meu marido é uma benção de Deus na minha vida, com ele descobri como é ser livre, poder ir e vir aonde quiser, com confiança e respeito um pelo outro, sempre. Posso assegurar que os dias com a doença de Parkinson são bastante acelerados, fisioterapia, fonoaudiologia, psicólogo e muitas outras atividades. Entrei em um projeto de Parkinson e esse foi um momento marcante na minha vida. Mesmo bastante abalada e chorando muito decidi ficar. Me senti tão acolhida e de uma forma tão carinhosa abraçada e cercada de um carinho tão grande que resolvi ficar e que seria forte, pois seria algo que me faria bem. E para ser sincera amo fazer parte desse grupo incrível que me faz sorrir, me traz muitas alegrias e consciência de que o Parkinson faz parte da minha vida sim, mas que eu sou uma vencedora e vou lutar sempre, porque não há desânimo ou tristeza que possam me derrubar.

Através desse projeto fui encaminhada para outro projeto de fonoaudiologia de outra universidade que é incrivelmente maravilhoso. Foquei muito nas outras atividades, estava me tornando uma atleta. Jamais imaginei que atividade física fosse me fazer tão bem, me sentia incrivelmente bem, sem dores pelo corpo, sem dores de cabeça. Observo que o Parkinson tem muito a ver com as minhas emoções, se eu estou bem ele também está, mas se passo por fortes emoções ele se altera completamente. Eu e o Parkinson, Parkinson e Eu nos pertencemos, estaremos juntos eternamente até meu último suspiro, mas como sempre falo: tenho Parkinson, mas ele não me tem, apenas convivemos, nos respeitando e dividindo o mesmo corpo.

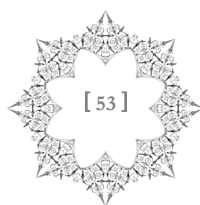
Ouvi essa frase outro dia e vou deixá-la aqui:

“Algumas vezes a gente chora não porque somos fracos, mas porque passamos muito tempo sendo fortes!” (autor desconhecido).

E é exatamente assim que eu sou, me encaixo muito bem nessa frase por isso me identifiquei tanto com essas palavras. Parei em dezembro, por minha conta o remédio da depressão e estava muito tranquila, mas alguns episódios me marcaram como se estivesse sendo marcada com ferro quente. Frágil demais eu estou ultimamente, mas vou me recuperar, sei do mais profundo do meu coração que vou erguer a cabeça e superar as dificuldades, tenho muita força e vontade de viver. Como diz minha fisioterapeuta: "nem tudo é culpa do Parkinson" e é uma grande verdade. Deus está comigo, Nele confio, Nele

acredito e isso me basta. Sorrir, bagunçar, fazer piada, passear, fazer artesanato, ouvir música alta e cantar junto, incrível, mas me recupero.

O Parkinson é uma doença que vai te levando vagarosamente, de mansinho, mas se convivermos com ele como se fosse um romance tudo se torna mais fácil e como diz o ditado: *“aceita que dói menos”* e serve para qualquer mal que venha a nos acometer. Ser feliz e viver um dia de cada vez, esse é o meu lema, o futuro a Deus pertence.



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

O QUE RESTOU NO MAR
POR MARA MANCINI

Graduada em Letras e mestre em Linguística Aplicada pela UFMG. Professora de inglês e coautora da biografia do escritor Agripa Vasconcelos, seu avô. Segunda secretária da Academia Vendanovense de Letras, Ciências e Artes em Belo Horizonte/MG, membro correspondente das Academias de Letras de Matozinhos e de Juiz de Fora e membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Pompéu/MG.

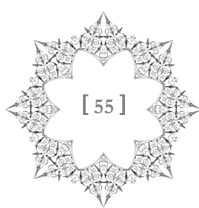


Com as velas ao vento, o barco partiu,
Rumo ao frio, sem saber onde chegar.
Buscando tesouros que ninguém nunca viu,
Foi pra bem longe, se perder no mar.

Cruzou oceanos, venceu batalhas,
Encarando as ondas com todo o temor.
Viu terras estranhas, onde o sol não falha,
E gente perigosa, vivendo sem dor.

Em noites de medo, sob o raio que corta,
No vento que ruge e na onda que bate,
Sentiu a morte batendo na porta,
Na fúria do mar, em um longo combate.

Sem rumo e sem fé, na dor do abandono,
Cansado da luta contra a escuridão,
O barco buscou um sossego insano,
Mas só encontrou o nada e a solidão.



APRESENTAMOS

ETERNOS NAMORADOS
POR MARA MANCINI

Graduada em Letras e mestre em Linguística Aplicada pela UFMG. Professora de inglês e coautora da biografia do escritor Agripa Vasconcelos, seu avô. Segunda secretária da Academia Vendanovense de Letras, Ciências e Artes em Belo Horizonte/MG, membro correspondente das Academias de Letras de Matozinhos e de Juiz de Fora e membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Pompéu/MG.

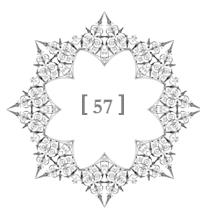


Preso na corrente do relógio
De ouro, guardada com cuidado,
Vejam só:
Meu avô usava um pingente com o retrato
Da minha avó.

Mas dentro do pingente, uma surpresa,
O noivo guardou com todo o zelo,
Alguns fios de cabelo,
Loiros, que delicadeza!

Minha avó era linda,
Segundo conta quem solteira a viu.
Para prová-lo tem ainda
Os traços da beleza e graça em que floriu.

Este retrato que o tempo acomoda,
Em íntima confiança,
Foi lembrança de vida toda,
Guardada como herança.



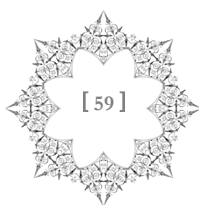
—•—
APRESENTAMOS
—•—

MEU CORAÇÃO, MEU MUNDO
POR MARCO ANTÔNIO BRUNIALTI

Marco Antonio Brunialti, é servidor público federal aposentado sempre manteve uma paixão pela arte de escrever e já participou já de diversos concursos de poesias entre os quais foi classificado Antologia em 1993 com tema Lar, Lares e não só Moradias na categoria Poesia, e Antologia 1998 com o tema Nas coisas que vejo o humano que desejo na categoria Conto, USF Universidade de São Francisco em Bragança Paulista.



Eu me perco em versos e métricas
Traço meu íntimo um sorriso rústico de inverno
Numa cabana em frente a floresta acendo a chama do nada
Entre medos e sonhos a fantasia cobre meu sentir
E tudo o que escrevo há um sentimento de perda
Uma desilusão que pranteia a alma sangrando
Volúpias e desejos um amor perdido em demasia
Sou um mar revolto dentro de ondas celestiais
Só uma promessa vazia de dias melhores
Mas não me responde a vida aos meus desencantos
E assim vou continuando me iludindo com tudo
E na loucura desse tempo tão presente
Os conflitos me angustiam as guerras me sufocam
A dor contínua que se permite em mídias cruéis
Mentiras postadas notícias falsas a velocidade
O desvario surreal de um planeta moribundo
O altar desse templo um ídolo de riquezas
Semeia lágrimas e tristezas
Quem sabe o fim quem sabe a vida.

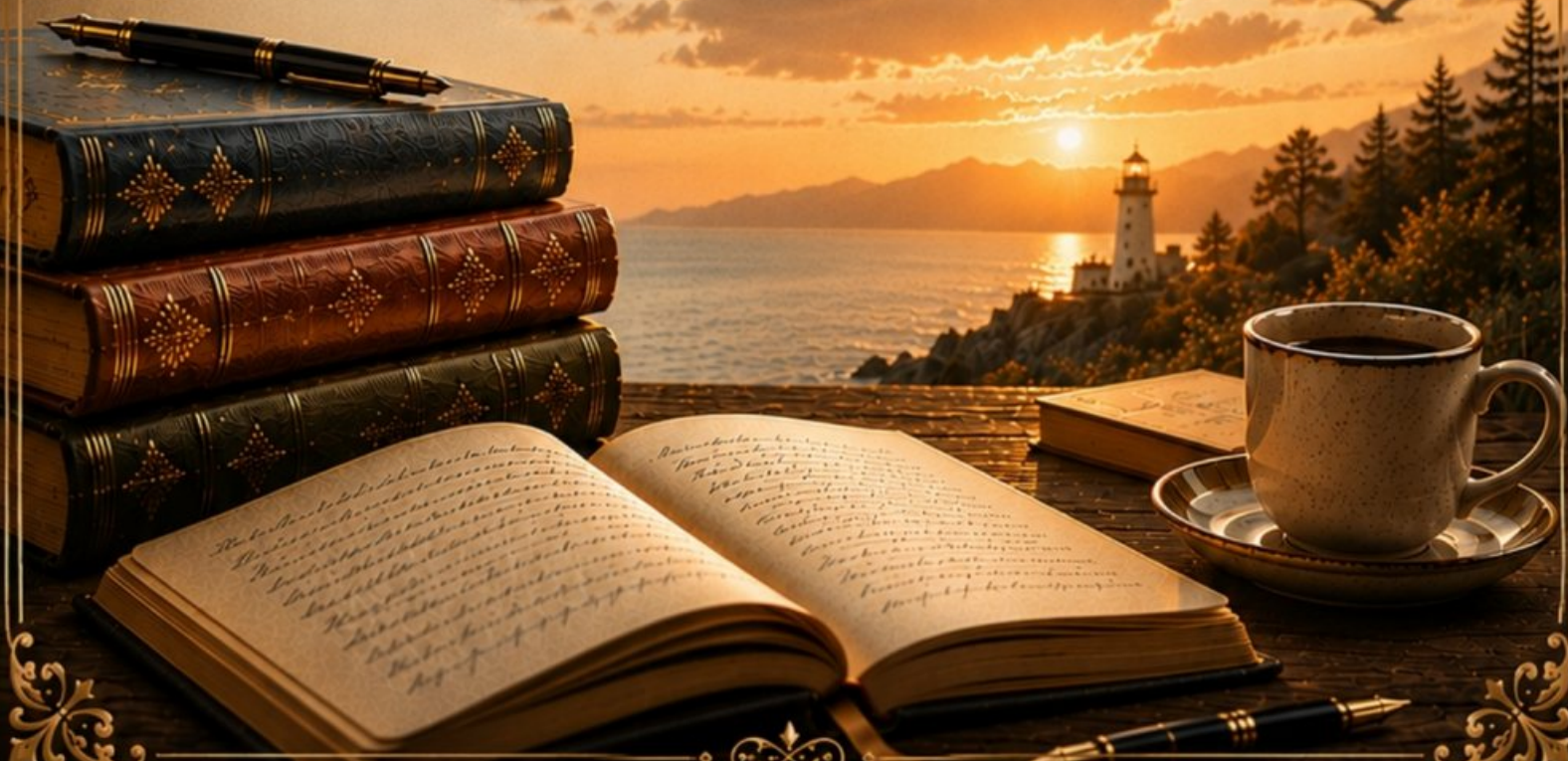


APRESENTAMOS

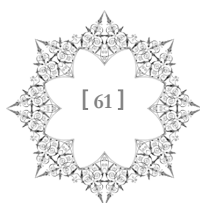
GRAVIDADE

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Andei muito sem sair do lugar.
Trajetória de círculos.
Capítulos sem títulos.
Exaustivo caminhar
que não começa nem encerra.
O rito segue sistema adentro
formando o caracol
no ritmo do moinho.
Como a Lua ao redor da Terra
não conhece outro centro.
Como a Terra mira o Sol
e não traça outro caminho.
Presa pela gravidade.
Viajando na realidade
de episódios passados
que limitam os espaços.
Carregando fardos pesados
que seguram os passos.
Sem deixar ir...
Mas por que não tirar os pés do chão e deixar o passado partir?



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

ESPERA

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Anseio o que não vem
durante anos a fio.
Será que existe alguém
neste imenso vazio?

Cresci.
Envelheci.
Morri.

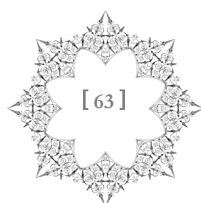
Ninguém chegou.
Somente o vento
inesperado sussurrou
um pensamento:

Ninguém virá...
Ninguém virá...
Ninguém virá...

E mudou o norte
do barco largado
à própria sorte
no mar revoltado.

Então, pus-me a remar...
A remar...
A remar...

E pude compreender o sentido de esperar.



APRESENTAMOS

MALDITOS BORRACHUDOS

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



O trabalho na cidade de São Paulo é uma agitação só todos os dias, semanas após semanas. Envolvida com essa vida corrida, não é sempre que surge a oportunidade de descansar e viajar sem preocupação. Feriado prolongado, aproveitar os 4 dias para ir à Ilha Bela, uma das mais lindas do litoral norte do Estado de São Paulo, com um grupo de amigos, é sempre uma excelente opção. Devido ao trabalho, há muito tempo não ia até lá.

Peguei a velha barraca, companheira da época em que íamos pelas praias afora acampando o que naquela época era muito comum. Desenterrei o espírito aventureiro da época e me botei estrada afora em busca de um merecido descanso.

Chegamos lá de noite, após 4 longas horas de viagem. O trânsito estava infernal, a estrada parecia uma longa centopeia andando vagarosa e displicente sobre o asfalto ainda quente, do intenso calor típico dessa estação do ano, o verão. Fomos direto ao Camping do Brasil, escolhemos o lugar e montamos as barracas, sem a velha prática de antes, mas com eficiência e grande vontade de descontraí-las, pois tem certas coisas que não se esquece, não importa o quanto o tempo passe...

Tudo calmo, a noite agradável, com temperatura amena fez com que pela manhã despertássemos superanimados. Preparamos o café num ritmo de feriado, tranquilo sem correria, cuja finalidade era ir à praia apreciar a natureza, o sol e descansar...

Saindo da barraca, já de maiô, senti uma coceirinha na parte traseira da coxa, passei a mão, lembrei: o bronzeador, será que peguei o bronzeador? Corri até a sacola, lá estava.

Tudo completo para alguns dias em contato com a natureza. Foi um dia perfeito, água na temperatura ideal, amigos ótimos, muita alegria, conversa boa, clima excelente.

As horas passavam de forma rápida e descontraída. O dia estava uma maravilha, tal como eu imaginara. Mal percebemos a noite chegando. Puxamos arrastão auxiliando os pescadores e com isso com grande alegria ganhamos a nossa recompensa. Na partilha dos peixes, cada pescador tinha a sua parte e nós como ajudantes ocasionais, recebemos jogado aos nossos pés um enorme peixe. O jantar na praia foi especial, com o peixe envolto em folhas de bananeira, assado na churrasqueira improvisada, tudo uma delícia!

A música se misturava aos sons da natureza, fazendo-nos sonhar e contar histórias e piadas de pescador, o que era muito bom. Senti uma coceirinha na parte traseira da coxa, passei a mão, lembrei! O creme hidratante, será que peguei o creme? Fui ver, lá estava, que alívio. Depois de um banho refrescante, creme é ótimo. Dá-nos uma sensação

refrescante e relaxante após um dia de bastante diversão, que também cansa, mas de um modo diferente do nosso dia a dia.

No dia seguinte pela manhã, mais entusiasmados ainda, resolvemos ir até a Gruta. Lugar maravilhoso com tobogã natural, onde a gente desliza pelas pedras e cai numa piscina formada pela água da cachoeira. Muito verde, pássaros, e um barzinho aconchegante no meio de uma clareira, onde podemos almoçar, ouvir e cantar músicas ao som do violão.

Chegando lá, senti uma coceirinha na parte de trás da coxa. Lembrei! O repelente! Será que peguei o repelente? Não!!! Em plena gruta, o paraíso dos borrachudos, com meu sangue tipo A (sangue doce, como dizem os moradores locais) e sem repelente... O que farei?

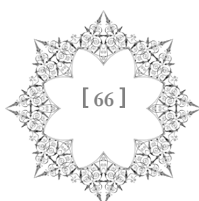
Passe óleo de cozinha, pelo corpo todo. Não deixe uma parte de fora. Passei. Os bandidos grudaram-me nas pernas como abelhas no mel.

Coloque álcool com fumo de fazer cigarro de palha, aquele de corda. Lá fui passando essa mistura pelo corpo todo. Os bichinhos só faltavam me engolir viva. A cada tapa que dava nas pernas, parecia que eles aumentavam numa explosão demográfica impressionante.

Lama, passe lama no corpo. Eles não gostam do cheiro da terra, disseram. Passei. Com o corpo todo enlameado, senti as picadas arderem e coçarem. Foi horrível!

Não podia ficar um segundo na sombra, senão os bichos me devoravam, e no sol, por causa dessa mistura toda, me sentia como um frango assando em forno máximo.

Situação horrorosa! Esses monstros adquiriram anticorpos, nada resolvia! Malditos borrachudos!



APRESENTAMOS

BELINHA E OS MARUJOS

POR ROSA DA TERRA

Terezinha do Socorro Reis Rosa (Rosa da Terra) é escritora paraense, com textos voltados à prosa poética e à narrativa sensível inspirada na Amazônia. Participa de antologias literárias e desenvolve uma escrita marcada pela observação do cotidiano, pela memória e pela relação entre natureza, infância e identidade. Suas histórias transitam entre o real e o imaginário, valorizando rios, margens e as vozes que neles habitam.

Instagram: @terezinharosa640



O sol ainda despertava por trás das copas das sumaúmas quando Belinha ajeitou a mochila nas costas. Da porta de sua casa, na pequena ilha, ela observava o rio como quem contempla uma estrada viva. As águas refletiam o céu em tons de prata, enquanto, ao longe, Belém surgia como uma cidade flutuante entre nuvens e marés.

Dentro da mochila, além dos cadernos e lápis, seguia seu maior tesouro: um livro recém-descoberto na pequena biblioteca da escolinha ribeirinha. Para Belinha, cada página era um mapa secreto. Ao tocá-lo, sentia que o mundo se ampliava, como se rios invisíveis se abrissem dentro dela.

— Vamos, marujos! O banzeiro nos espera! — gritou ela aos amigos, que já pulavam para dentro do barco do transporte escolar.

Joca, o menor deles, respondeu, erguendo um remo imaginário:

— Capitã Belinha, prometo não cair no rio hoje!

Lia, sempre silenciosa, sorriu timidamente, abraçando o caderno como quem guarda um segredo. Cada criança carregava seus próprios sonhos, mas era Belinha quem os transformava em aventura.

O senhor que pilotava a embarcação tinha a pele curtida pelo sol e pelo tempo. Seus olhos guardavam a serenidade de quem conhecia cada curva do rio. Para as crianças, porém, ele era mais do que um barqueiro: era o Capitão dos Mares Encantados.

Enquanto o barco avançava mansamente, algo claro boiava entre as águas. Belinha inclinou o corpo e apontou:

— Olhem... ali...

O capitão reduziu a marcha e, com o gancho, puxou o objeto. Era um pequeno pedaço de madeira, gasto pelo tempo, com sinais talhados à mão. Não eram letras perfeitas, mas lembravam marcas de caminho, como se alguém tivesse tentado escrever o próprio destino ali.

Belinha passou os dedos sobre os sulcos.

— Parece um mapa... — murmurou.

— De quem? — perguntou Joca, com os olhos arregalados.

— De alguém que navegou antes de nós — respondeu ela. — O rio guarda histórias que ainda não viraram livro.

O capitão sorriu de leve e devolveu a madeira às águas.

— Tudo o que o rio ensina precisa continuar correndo.

Belinha observou o pedaço de madeira seguir seu caminho. Naquele instante, compreendeu que nem toda história nasce no papel. Algumas começam na água, outras no vento e só depois encontram quem as escreva.

Enquanto o barco vencias as marolas, garças brancas levantavam voo nas margens, como se desfilassem para a menina.

— Olhem! É a Garça Graciosa nos dando as boas-vindas! — apontou Belinha, fazendo os colegas rirem e entrarem na brincadeira.

Mas, à medida que se afastavam da proteção da ilha, o Rio Guamá mudava de humor. As águas escureciam, pesadas, e nuvens densas se amontoavam no céu, como gigantes curiosos.

— Atenção, marujos! O banzeiro vem forte! — avisou o velho piloto, firmando as mãos no leme.

O barco subiu e desceu sobre ondas largas. Joca segurou o banco com força. Lia fechou os olhos. Belinha abraçou a mochila como se segurasse um amuleto. Em sua imaginação, não era apenas uma travessia: era uma batalha contra monstros invisíveis. À frente, uma sumaumeira solitária erguia-se na margem, gigante e protetora. Para ela, era a sentinela sagrada que apontava o caminho seguro.

— Não tenham medo — disse Belinha, com firmeza. — Todo rio ensina a gente a seguir.

O vento, então, se acalmou. A imensidão da Baía do Guajará abriu-se serena, e o barco deslizou até o trapiche. Belinha saltou com agilidade, como quem chega a um porto conquistado.

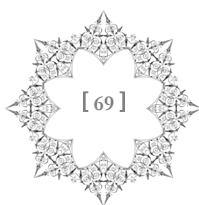
Na porta da sala, uma figura imponente os aguardava: a professora. Para os olhos comuns, era apenas uma educadora; para Belinha, ali estava a Rainha dos Mares da Sabedoria.

— Bem-vindos, meus pequenos grandes navegantes! — disse ela. — Que tesouros trouxeram hoje de suas ilhas?

Belinha aproximou-se e entregou o livro com reverência.

— Enfrentamos banzeiros e tempestades, Majestade — respondeu, em tom solene. — Mas trouxemos um novo mapa... uma nova história para a nossa próxima travessia.

A professora sorriu. Sabia que, naquela escola às margens do rio, aprender era muito mais do que juntar letras. Era navegar. Era descobrir que cada criança, como Belinha, carregava dentro de si um oceano inteiro de possibilidades.



APRESENTAMOS

JOSUÉ SABIA
POR SEBASTIÃO SOARES

Sou cearense, escritor, professor efetivo de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do Estado do Ceará, mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutorando em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), e casado com a professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Manuelle Araújo. Atualmente, para além de me dedicar à escrita ficcional, pesquiso o diálogo entre a Escrita Criativa e o Ensino de Literatura.



Josué sabia. Já havia ponderado antes. Depois de reflexões demasiadas, concluiu que assim devia ser. Deus toma de uns para dar a outros; teria de viver com a culpa. Pensou no que diriam os seus pais, se estivessem vivos. A sua mãe ele bem sabe, pois sempre fora mulher dura, uma disciplinadora. Não convém pensar nela agora, está há alguns anos embaixo da terra, que Deus a tenha. Mas ele sabia o que ela diria, e como sabia. Velha dura e disciplinadora, era o que era. Seu pai não, sujeito bom. Homem expansivo, de muitas amizades, bom comedor, bebedor como poucos. Era dado à boemia, o velho. Quem juntou almas tão diferentes? *Mamãe dava mais com um general rude e apreciador de uma boa tortura.* Tinha que parar de pensar nela, mas não conseguia. Ouviu que as pessoas más são as que mais nos marcam. *Mamãe era ruim, talvez a pior pessoa que conheci.* A lembrança dela sempre se fazia presente em momentos como esse. O psicanalista insinuou qualquer coisa sexual. Na hora, preferiu não discordar, afinal pagava. Foi aterrador. Parou de ir.

Josué sabe que irá chegar em breve, não falta muito. A culpa furta boa parte de si. Como pensar tantas maldades de mamãe? A velha conseguiu de novo! Seus pensamentos são interrompidos por alguém que passa ao seu lado e o cumprimenta com aceno de cabeça. Ele repete o gesto, mecanicamente. Não sabe quem é, talvez não fosse consigo. Que importa? Curiosas todas essas firulas sociais... Quando obedecidas, sequer fazem diferença. Ausentes, são palco para intrigas veladas. Sua mãe fez com que aprendesse todos os bons comportamentos, regras de entrar e sair de maneira decente e educada. Mamãe prezava a decência acima de tudo, por isso ela estaria chocada se soubesse o que ele estava prestes a fazer. Meu Deus, que decepção!

Começou a esmorecer. Questionava a real necessidade disso. Porém, todo esse refletir o impelia a seguir adiante. Subvertia anos de repressão, sim senhor! Anos não, séculos de repressão, pois sentia-se porta voz dos reprimidos. Talvez sua atitude acabasse por tornar-se um exemplo, e isso o animava. Repassava mentalmente o que faria ao chegar, mas, como se sabe, os repasses mentais divergem da situação real. Sabe-se, por exemplo, que em situações extremas, é necessária a calma de um monge. Mas tais situações nos empurram, em geral, a posturas destemperadas. Essa constatação causava-lhe desconforto, pode-se notar em seu franzir de face. Invejava aqueles para quem isso era banal. Seu pai era assim, genuinamente sem vergonha. Fazia e dizia o que queria, como queria, independentemente de onde e com quem estivesse. As normas sociais

nunca toparam com o velho, agia por instinto. Quem os juntara, ele e a velha? Mistério sem solução, agora que estão mortos. Jamais perguntaria a ela, nem em uma sessão espírita. Acho que o médium ia ouvir umas boas pela perturbação do sossego eterno. *Papai também não adiantava chamar do além. Estaria se engraçando com as espíritas. Espíritos têm gênero? Se têm ou não, é certo que papai providenciaria uma orgia perpétua.* A imagem da boemia pós-morte de seu pai plantou um sorriso no seu rosto.

Tentava lembrar de alguns versos. Ou eram preces? Eugênia era cheia de ditos, de frases prontas. De alguma forma, internalizou um catálogo de dizeres para situações diversas. Não sabia como, era analfabeta. Sempre leu Eugênia como um diamante nunca lapidado. Todas essas instruções de escola acabam por embotar a nossa criatividade natural. Talvez melhor assim. Eugênia era sábia à sua maneira, percebeu isso desde menino, quando ela veio trabalhar na casa dos pais como doméstica e babá. Papai comeu Eugênia – um dia chegou a ver. Conveniente a imagem dela agora, quando estava próximo de sucumbir ao completo desespero; certamente era reconfortante. Imaginava o que ela diria: *acalma, filho, a paciência é virtude divina*, talvez isso. A seu modo, claro. Não seria uma frase lapidada, porque tudo naquela mulher era bruto, cru e espontâneo, por isso tão familiar.

Tentava pôr em ordem as luzes que se confundiam naquela noite gelada: faróis, postes, sirenes, letreiros luminosos, tudo numa anarquia descomposta. Admirava as pessoas que podiam digerir tamanho caos. Uma breve inquietação no estômago aponta para a garganta. É um arroto que parece se anunciar. Devia ter parado no segundo litro, sabia. O arroto causou-lhe certo alívio. Estava satisfeito por efêmero prazer, mas as luzes não o deixavam em paz. A presença vigilante da lua provocava algum aborrecimento. Ela seria testemunha, ninguém mais. A indiscrição do luar o levou para tantas outras ocasiões em que estivera sob o olhar perscrutador deste mesmo satélite. Chegou à conclusão de que nunca foi uma presença incômoda, muito pelo contrário, era prenúncio de boas-novas.

Papai era ausente. Ocupava-se unicamente do gasto e do excesso, uma espécie de bêbado errante. Nos raros momentos em que aparecia em casa, folgazão e vivaz, ascendia, na criança que foi Josué, uma quentura especial, como se o sol invadissem sua casa com calor e luz inebriantes. A gestão da residência e as responsabilidades adultas, que incluíam todas as demandas burocráticas e a educação de Josué, ficavam a cargo de mamãe. Era uma mulher triste e queixosa. Hoje tem consciência, o que sofreu é

consequência do desamparo em que ela vivia. A humilhação sofrida tornou-a dura e amarga. Soube que foi alegre quando jovem.

O pai de Josué, após sumiço de dias, aparecia em casa sempre com presentes e guloseimas. Era recebido pelas pancadas e xingamentos da mãe, que chegava a jogar objetos no velho. Ele ria gostosamente e tentava abraçá-la. Era incapaz de um ato de seriedade. Debochava da brutalidade da mulher. Quando o ódio da mãe assentava um pouco e ela ia para a cozinha preparar o almoço, o menino jogava-se nos braços do pai, que o recebia risonho e carinhoso. Aninhava-se ao progenitor, enleando-se na atmosfera e no hálito adocicado. Um dia percebeu que isso magoava profundamente a mãe, numa das raras vezes em que a flagrou entornando um pouquinho daquelas emoções ocultas com tanto afínco.

Uma das maiores alegrias experimentadas por Josué era quando seu pai, nos raríssimos momentos em que passava mais de três dias em casa, o levava para escolher filmes na locadora de VHS do bairro. Ao lado do homem, o menino seguia confiante e orgulhoso, como um bezerrinho em pasto farto, pelas ruas no caminho que faziam até a locadora. Era o êxtase da felicidade. O velho era saudado com respeito e bom humor por onde passava, tinha um dom natural de levar sorrisos às bocas das pessoas, mesmo às mais sisudas. Sua mãe, quando tinha certeza que ninguém via, dobrava um pouquinho dos seus lábios ressequidos quando catava alguma anedota do marido.

Chegando à locadora, recebia do pai a autorização para escolher as fitas que quisesse. Quase sempre pegava as mesmas, *Jumanji*, *Jurassic Park*, *Free Willy*, *Esqueceram de mim* ou *Rei Leão*... O céu era o limite. Aquilo era o seu paraíso privado, com direito a olhares furtivos à sessão proibida, a das capas com mulheres peladas. O pai fingia que não via. Sabia que sairia da locadora e seu velho seria todo seu, como bons companheiros. Beberiam juntos o tempo dos enredos. A mãe traria lanches. O clima em casa abrandaria.

Sentia-se só. As lembranças comprimiam o seu peito. As lágrimas se materializavam cada vez mais abundantes. Estava próximo demais. Agora sentia os pais consigo. Queria muito ter entornado mais um litro. Os seus passos eram incertos, imprecisos, gelatinosos. Bambeava. Estava próximo demais. Aquelas ruas, agora pavimentadas, eram velhas amigas, assim como o anúncio do Supermercado Super Frangão esmaecido na parede baixa de um terreno baldio. O estabelecimento havia quebrado há anos.

Próximo demais!

Enxergava aquela velha porta que agora estava ao alcance das mãos. Suas mãos pequenas e ansiosas envolvem a maçaneta, ainda livres pelo assentimento do pai: *Vai lá!* Os pequenos dedos eram todo ele, ainda com os pais e a vida inteira pela frente. Assistia à sua criança como em um filme. Empurrava a porta de vidro com aquela geringonça que a fazia fechar automaticamente. Imprimia muita força na abertura e convidava o pai a segui-lo por aquele portal mágico. Em quais gavetas estariam essas emoções? Qual era o nome da locadora? Praxedes Vídeo Locadora? Câmera, Ação Vídeo Locadora? Não lembra ao certo. *Seu Praxedes morreu velhinho, acho que com noventa ou mais.*

A memória (ou o álcool) finalmente atenuou a angústia que se espargia em seu coração. Estava pronto para executar a tarefa. Tocou o volume retangular no bolso do moletom e, pela primeira vez desde que saíra do bar, pegou-o para examinar. Estava rebobinada! 30 anos, qual seria a multa pelo atraso? Sentia-se leve. De alguma forma, não mais tão só. Era como se os pais sorrissem para ele, mesmo mamãe. Cruzou aquele portal do tempo com os olhos cerrados e empapados de lágrimas. Empunhava a fita VHS sem receios.

Caiu de joelhos no centro do estabelecimento, brandindo a fita, com os braços erguidos ao alto. De fundo, uma velha canção: “Vem com Josué lutar em Jericó / Jericó, Jericó / Vem com Josué lutar em Jericó / E as muralhas ruirão”. Em meio ao assomo de lágrimas, ouvia vozes, gritos, sentia uma comoção generalizada. Eram os seus que estavam ali louvando o seu gesto? Vieram para o abraço. Quantos eram? Muitos! Uma voz se sobressaía ao tumulto:

— Vejam o milagre, meus irmãos! Este homem entra na casa de Deus, ungido pelo poder do Espírito Santo! Sua dor acaba aqui, meu irmão, aleluia! — proferiu o pastor Adalto, filho de seu Praxedes, que transformara a locadora do pai em igreja evangélica.



APRESENTAMOS

MEMÓRIA POR SELMA LUANNY

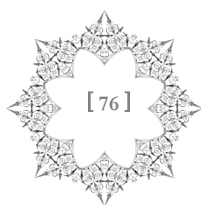
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Memória vaga.
Memória incompleta.
Traíçoeira mesmo.
Quando não se quer,
se lembra.
Quando se quer,
não se lembra.

Houve tempos que,
sem qualquer dificuldade,
lembrar era sempre fácil,
coisinha simples,
rápida.
Uma brincadeira,
ágil.

Agora, longos anos idos,
lembrar tornou-se
um exercício complicado,
quando não,
uma vergonha.
A memória é fugidia
e o cérebro, enevoadado.



APRESENTAMOS

ID

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

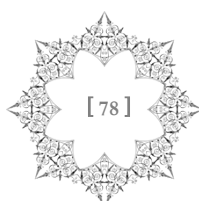


O Id, secreto, escondido
não deve aflorar.
Nele próprio, livre.
Criativo e estimulante,
resplandece para si.

De espelhos, não é amigo.
Nem de regras ou normas.
Anda solto, em sonhos
e pensamentos oníricos.
A realidade não é a sua casa.

Pelos egos e afins, controlado.
Não é domado, mas submerso.
Sem Id, de tédio, morrer-se-ia.
O Id é o outro peso
a equilibrar a balança.

E o equilíbrio é o preço do social,
que ao quimérico, oprime.
A liberdade controla e suprime.
O coletivo cinzento
a tolher o arco-íris.



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

CARTA À MEDEIA
POR SÉRGIO LOUREDO

**Um amador dos contos compartilhados, empregado público
e historiador de coração e formação.**



Sim, vá, vire as costas novamente para mim, siga para o desengano da vez, para o caminho que surgir na sua cabeça vacilante e imprevisível.

Sentir-me um fardo é o natural. Vem desde a época em que eu somente existia na sua imaginação, quando ainda era do tamanho de uma noz dentro de você, quando minha existência a apavorava.

O seu único objetivo com meu nascimento, contudo, não logrou sucesso: ele nunca a quis.

Fui o produto de uma tentativa ridícula de manutenção daquela relação doentia, que você chamava de amor e ele chamava de sexo. Para você, paixão; para ele, ego; mas para todo o restante, uma tempestade caótica de brigas, traumas e agressões.

Meu nascimento nunca salvaria aquela relação escrota e tóxica, uma ideia falida desde o início.

Infiro ter sido minha gestação um suplício, visto que, a partir do despertar da consciência, jamais vi olhos ternos a me embalar, mas uma névoa densa e fria de indiferença. Não chegamos a este mundo com um manual de como ser e sentir, então para mim era o normal, era como a vida se apresentava.

Agora estou aqui, crescido, adulto, escrevendo uma carta que não passará diante dos seus olhos, à qual não tenho coragem de te entregar e reviver o seu desdém e a sua insensatez.

A força nas minhas mãos nesta caneta vem do fármaco em minhas veias e do entorpecer da mente, insistindo em criar palavra por palavra e em lembrar os nossos dias juntos, especialmente os sombrios. Como uma bad trip de um passado inesquecível, como num emaranhado de situações confusas e lamentáveis.

Fui forjado na crueza da nossa relação, mas segui, de um jeito e de outro, meio como forma de protesto, como em um desafio a tudo e a todos. Meu aprendizado e vivências vieram das ruas, tornando-me um cachorro vadio, amado ou enxotado, dependendo das circunstâncias. Um substrato de uma fruta podre, de uma árvore frondosa de sofrimentos.

Tive de arrancar as penas, ferrar meu bico na pedra para procurar uma vida diferente, uma identidade que me vestisse e coubesse minha dor, para me tornar alguém, mesmo sem saber exatamente o significado ou quanto me custaria.

Olhando aqui, do futuro, do alto do décimo oitavo andar, dentro deste apartamento, as memórias me confundem ao refletir sobre todos esses fatos, as motivações e a sua forma de amar — mas especialmente sobre a sua dor.

Hoje em dia, sob o sopro gélido da solidão costumaz, eu tendo até a entender, não por empatia, mas por vivência.

Sei bem que a inexperiência da sua juventude cobrou um preço pesado de você.

Que diabos de amor e obsessão eram aqueles que tinha por ele? Esse sentimento torto a fez esquecer de si, de nós, criando um universo para tê-lo de qualquer forma.

Vividamente, sobe pelo estômago o horror do dia no qual você me empurrou para fora de casa, com a finalidade de que eu fosse embora com ele, como um problema a menos para lidar. O impacto dessa ação se gravou na minha mente ainda em formação, pois, do lado de lá, ele, quem nunca senti ser meu pai, empurrava-me de volta, como num jogo no qual eu era o objeto inservível para ambos — um estorvo em forma de criança.

Não compreendia e tive medo de não ter uma casa, um teto ou comida para sobreviver. Como explicar algo assim para alguém tão jovem, enquanto ainda tateava a vida? E como o adulto de hoje pode ressignificar essa passagem?

Até certa idade, as minhas tragédias eram associadas às suas. Ao sentar-me nesta varanda de paredes descascadas, de piso manchado, penso no dia em que ameaçou tocar fogo em mim, simplesmente para conseguir um pouco de atenção dele, como se ao menos ele se importasse. Ali, eu entendi não ser nada para você e estar nessa redoma solitária.

Esses atos e fatos me causavam terror, faziam-me dormir com os olhos praticamente abertos, temendo por mim, pela casa, por tudo.

O meu lar era hostil.

Aquelas maluquices te faziam uma espécie de Medeia, mas sem conseguir infligir qualquer dor ao seu pretenso algoz.

Percebi até, ao longo do tempo, que a morte precoce dele te trouxe alguma paz, mas entendi que mesmo assim, não amenizou a nossa distância, nosso abismo. Tarde demais.

Até diminuímos os embates, mas a hecatombe na minha alma estava instalada.

O pior é que, mesmo nessa lama de angústias, ainda consigo ver como sentia sua falta, como esperava um amor materno. Representava o mundo para mim; sentia até alguma esperança quando me tratava com um pouco de cuidado e atenção. Tudo em vão.

Um dia, fomos um, habitei dentro de ti; hoje, entre nossos corpos, há toda sorte de palavras e ações dissonantes. Restaram-nos raros telefonemas distantes, sem graça, sem ânimo, frios, para, no máximo, tratar questões práticas.

Mas vá, mude novamente de cidade, de estado, evapore-se dentro do seu egoísmo, da empresa de si mesma. Leve seu cheiro de cigarro mentolado e indiferença para outras paragens. O abandono não é lugar incomum quando penso em ti, é o esperado.

Não procuro mais felicidade, aprendi também a ser insensível e pela metade. Aparentemente, é impossível algum afeto real vindo de mim. Coincidência?

Aprendi que cada um tem seu próprio universo particular, com o seu íntimo, contendo amores e terrores.

No fim das contas, falhou, nunca conseguiu seu objetivo, nunca teve o amor dele e, por tabela, abortou-me em vida, de forma lenta e gradual – dolorosa.

Queria ter sido apenas o seu filho, e isso de fato me assassinou aos poucos ano após ano, pagando por falhar com uma missão que nunca me pertenceu, por causa de sua pobre obsessão.

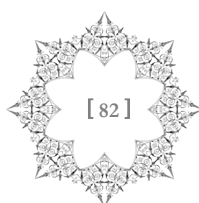
Como pode perceber por esta carta, a dor ressoa em mim e confesso que choro nosso infortúnio.

Neste instante abro mais uma garrafa e brindo aos nossos fantasmas, querendo entorpecer mais o meu espírito.

Obviamente, jogarei esta mensagem no lixo, pois ela realmente não importa.

Amanhã, esse delírio irá passar, botarei novamente um sorriso no rosto, como se fosse uma máscara, disfarçando meu infortúnio existencial.

Se um dia já fomos um, hoje, somos apenas um triste passado.



APRESENTAMOS

**A ORIGEM DO SEMBA
(O HOMEM QUE SE TORNOU VENTO...)**

POR WANDERMENDZ

Wanderlei Mendes (wandermendz) é um escritor e poeta brasileiro dedicado a explorar a musicalidade e o movimento através das palavras. Como escritor iniciante, sempre busca novos horizontes criativos, usando um estilo que valoriza a precisão técnica e a sensibilidade rítmica. O autor expressa sua arte majoritariamente em formatos consagrados e desafiadores, como o poetriz e o haicai. Sua estreia no cenário literário impresso ocorreu em 2025, com a publicação de um poema selecionado em antologia pela Lura Editorial.



Muito antes da chegada dos portugueses às terras de Angola, existiu um reino onde a dança era proibida.

O rei acreditava que os movimentos do corpo despertavam paixões indecentes... Por sua ordem, tambores foram silenciados, cantos foram calados e qualquer manifestação dançante passou a ser severamente castigada. Nessa dança, os corpos dos dançarinos apareciam unidos pelo toque dos ventres — a lendária umbigada, ou massemba.

Temendo que a tradição desaparecesse para sempre, os antigos mestres registraram os desenhos dos passos em placas de pedra. Nelas gravaram figuras humanas executando passos e movimentos sagrados. Depois, esconderam-nas nas encostas de um monte, confiando ao tempo a missão de protegê-las.

Anos mais tarde, Kitembo, um respeitado caçador e conhecedor da savana e do deserto, partiu em busca dessas placas.

Ao seu lado estavam Kizua (memória e conhecimento), seu fiel companheiro, e Ayo, sua esposa. Kizua era visto como a chave metafórica do grupo. Era observador, uma espécie de "espião nato" — percebia aquilo que escapava aos olhos dos demais. Ayo representava "Alegria e Vida", era a força emocional. Trazia na alma um ritmo capaz de encantar a todos ao seu redor. Possuía um domínio natural para a dança — tinha uma ginga que parecia nascer da própria terra.

Partiram montados em um camelo. Exploraram essa região montanhosa. Avançaram pelo interior da formação e descobriram algo extraordinário: diversas placas cobertas por símbolos, desenhos que pareciam contar uma antiga história...

Durante dias, observaram aquelas inscrições. Aos poucos compreenderam que não se tratava apenas de arte, mas de uma linguagem corporal preservada pelos ancestrais. Cada figura representava um movimento, cada sequência, um ensinamento.

Ao retornarem à aldeia, passaram a reproduzir os passos gravados nas pedras. Logo, homens, mulheres e crianças reuniam-se discretamente para aprender aquela herança quase perdida. Sabendo dos riscos, os ensinamentos eram transmitidos em segredo — escondidos pela proteção das matas e pelo silêncio cúmplice das estrelas.

E, assim, o SEMBA permaneceu vivo — não apenas como dança, mas como a própria respiração de uma cultura que se recusou a desaparecer.

Os anos passaram...

MORTE INVISÍVEL

Kitembo e Ayo conversaram ao cair da noite quando ele revelou um pressentimento que gelou o coração dela.

— Sinto que partirei antes de testemunhar a plena liberdade e a alegria do povo angolano.

Tentando disfarçar o temor, Ayo perguntou:

— Em que se baseia esse receio, meu amor?

— Nos sonhos que têm sido tão frequentes quanto precisos — respondeu ele, com o olhar perdido no horizonte. — Neles, vejo-me alçando voo com asas alvas, enquanto meu corpo é embalado por uma melodia suave, mística e encantadora.

O relato alarmou Ayo. Ela preferiu ocultar a própria angústia, mas sabia que os sonhos dele possuíam a precisão dos antigos oráculos: mais cedo ou mais tarde, tornavam-se realidade.

Pouco tempo depois, o inevitável chamado aconteceu. Kitembo despediu-se de Ayo e de Kizua, e partiu em sua última jornada solitária.

Ayo imaginou:

— Nem toda morte é visível...

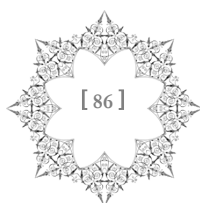
Kizua, no silêncio da saudade, murmurou para si mesmo:

— Alguns homens caminham para a morte. Outros, para o mistério e raríssimos caminham para ambos!

O destino foram as grutas de Nzenzo... verdadeiro tesouro natural. Essas formações rochosas guardam segredos milenares e encantam pela imponência de sua beleza. Kitembo não poderia ter escolhido um lugar mais grandioso para o repouso de seu corpo silencioso.

Talvez tenha sido uma morte natural. Ou talvez, quem sabe, tenha sido arrebatado no próprio coração da Terra, onde o compasso de seu peito se fundiu para sempre ao eco sagrado dos tambores ancestrais. Ou ainda, tal como o profeta Elias, partiu nas carruagens de fogo.

(?)...



APRESENTAMOS

AMOR QUE SE FAZ
POR YOUSSEF BOUGUERRA

Youssef Bouguerra nasceu na Tunísia, vive no Brasil e já morou em diferentes países e cidades ao longo da vida. Sua escrita transita entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando temas como identidade fragmentada, pertencimento e deslocamento cultural.



Amar verbo transitivo direto
Sem vergonha sem medo
Verbo transitório
Transigente mexe com a gente
Com o amor que se faz

Amor que transborda
Bom dia ofegando quando toca
Longas conversas translúcidas
Conto meu segredo me conta o teu
No amor que se faz

Amor que transcende
Alma em transe corpos transpirando
Vem me visitar em Montenegro
Pele arrepiada
Com o amor que se faz

Amor que transporta
Ao inferno ao buraco negro
Transgrede nosso pacto de lealdade
Cego vejo traindo
O amor que se faz

Amor que transita
Do beijo pro soco
Rato de laboratório cachorro
Obedeça ou morra
Amor que se faz

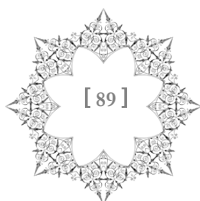
Amor que transfigura
Que se faz de bobo

Viva no meu mundo cego
Cuidado eu sei teu segredo
Do amor que se faz

Amor que transmuta
Paixão em angústia orgulho em miséria
Foi pro hospital adeus
A culpa é tua
Amor que se faz

Amor que transfixa
Volta pros meus braços
Aparece do nada é tudo
Menos transparente
Amor que se faz

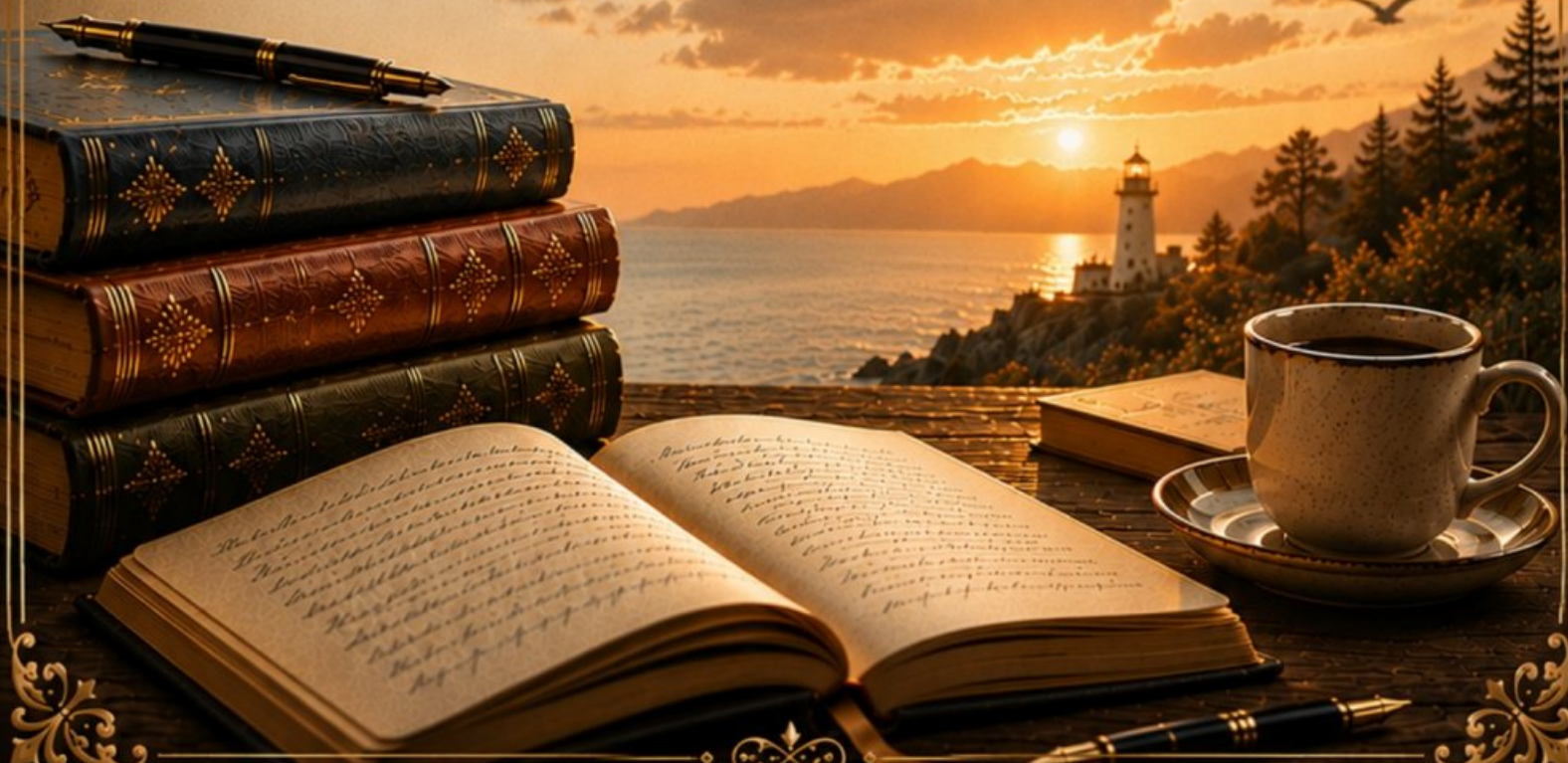
Amar verbo definitivo
Apaga essa vergonha
No lugar de transar
Faça amor
Aquele amor que não se faz mais



APRESENTAMOS

DESPEDAÇADO
POR YOUSSEF BOUGUERRA

Youssef Bouguerra nasceu na Tunísia, vive no Brasil e já morou em diferentes países e cidades ao longo da vida. Sua escrita transita entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando temas como identidade fragmentada, pertencimento e deslocamento cultural.



Tinha medo de parar. Parecia impossível.

Empurrei o projeto com a barriga por muitos anos. O doutor disse que precisava parar de bater nele; continuei mesmo assim. Com medo, mas continuei por mais um tempo.

As coisas começaram a piorar. Pequenos sinais no início: irritação na pele, tremores, exames alterados...

Depois foi o fundo do poço. Gastava tudo que tinha, chamava por companhia no meio da noite, e os exames ficavam mais alterados.

Ah! A companhia no meio da noite... As companhias no meio da noite, as marginais, o combate à solidão. Festas artificiais, entorpecidas. Mesmo assim, não parava.

De dia, tocava saxofone sem parar. Era meu jeito de aguentar quando sabia que na manhã seguinte, o inferno me esperava. De noite, era outra história. Foram muitas, mas no fundo todas tinham algo em comum. Todos nós queríamos alguma coisa. E eu continuava. Continuava porque tinha medo de parar.

Era um medo parecido com o medo que ainda tenho de voltar pra Tunísia, meu país de nascimento. Um medo abstrato, de não me reencontrar, de me sentir mais despedaçado ainda. A Tunísia da minha infância era gostosa. Hoje, vivendo no Brasil, a milhares de quilômetros de lá, não sei mais que gosto ela tem. Na Tunísia da minha infância, tinha muitas coisas. Tinha o sol e o mar. Os cheiros de especiarias. Tinha turistas deambulando de biquíni na praia. Eu gostava de andar de bicicleta. Em casa, a gente falava francês. As guerras explodiam mundo afora e minha fé foi junto. Não sei de que deus estou falando, pois estou confuso com minhas origens. Na família, a gente dizia que tinha sangue misturado, tunisiano e francês. Quando me mudei pra França depois, alguém me perguntou: como pode ser francês se seu nome é Youssef?

Fugi da Tunísia pra França. Paris. Fugi do árabe pro francês. Quando não dava mais, fui pra Inglaterra. Me senti bem por um tempo. Agora era o inglês. Comecei a frequentar os pubs. Um dos meus preferidos era o Bullfrog. Horas e horas gastas lá. Dinheiro também. Acordei um dia num quarto de hotel no coração de Londres. A menina tinha saído antes. Deixou a metade do valor da diária.

Alguns anos depois, tive que partir. Era inevitável. Deixei meu apartamento de Baker Street, e fui pra Buenos Aires. Agora é o espanhol. Foi por um curto período, mas o suficiente para me arrepiar com o som do tango nas ruas. Lembranças de Paris, as longas

caminhadas nos arredores de Notre-Dame. O vento que saía da grelha de ventilação quando passava na esquina da Rue Saint-Jacques. Batia na minha calça, sempre no mesmo lugar, e sempre me pegava de surpresa. Em Buenos Aires, andava com a Lorena que tinha conhecido num bar. Ela tinha um namorado. Quando ela me pediu compromisso, fugi.

Fugi pro Rio de Janeiro. Agora é o português. Minha filha nasceu, e eu continuei mesmo assim. Num quiosque da praia de Copacabana, tomando um chopp, ouvi um trecho de forró instrumental tocar. Um forró daqueles antigos. Chorei. Estava sozinho.

Tunes. Paris. Londres. Buenos Aires. Rio de Janeiro. Fui fugindo de país em país, de cidade em cidade, de língua em língua.

Depois do Rio, voltei pra Londres por um tempo. Naquela época, tomava cidra, era mais forte do que cerveja, e mais pro meu gosto. Quando me deixavam entrar, passava a noite no Road House. De vez em quando, saía acompanhado. Mas geralmente voltava pra casa sozinho.

Descobri que tinha um bar brasileiro lá, o Guanabara. Virou meu ponto fixo. A música brasileira, com suas síncopes e sua genialidade, não saía dos meus ouvidos.

A saudade bateu, da minha filha, do jeito brasileiro de viver, das casas que frequentava. Da solidão à brasileira. Fugi mais uma vez, pra Recife dessa vez. Na Sala de Reboco, tocava aquele forró pelo qual tinha me apaixonado no Rio anos antes. Uma noite dessas, conheci uma garota. Ela me ensinou que “não” pode querer dizer “sim”. Me ensinou o significado de “homem 0800”. E fiquei sabendo que as mulheres têm uma grande vantagem sobre os homens: como usam salto alto, não precisam pisar no mijo no chão dos banheiros públicos.

Enquanto isso, eu continuava.

Tunes. Paris. Londres. Buenos Aires. Rio de Janeiro. Londres. Recife. Fui fugindo de país em país, de cidade em cidade, de língua em língua. Depois teve São Paulo, Porto Alegre e Canoas. Nasceu meu filho e decidi ficar.

Mas continuei.

Quando precisei fugir, me refugiei na música. Depois do árabe, do francês, do inglês, do espanhol e do português, veio a música. Comecei a tocar e tocar, sem parar. Quando anoitecia, largava o instrumento e bebia sozinho em casa. A Larissa foi outra. Ela tinha um segredo que eu sabia. Seu corpo era uma fronteira que eu atravessava sem

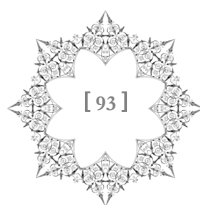
passaporte. Embriagado até o fundo da alma, não via que estava gastando dinheiro por uma ilusão.

A pele ficou mais irritada, os tremores se intensificaram, os exames cada vez mais alterados. Certa noite, desmaiei e bati a cabeça.

Muito sangue. Mesmo assim, continuei.

Na minha síncope, Lorena, a menina argentina, andava de biquíni e salto alto no Mediterrâneo. Ela falava inglês. O ar tinha cheiro de cominho. E eu, que ainda continuava bebendo, me sentia livre.

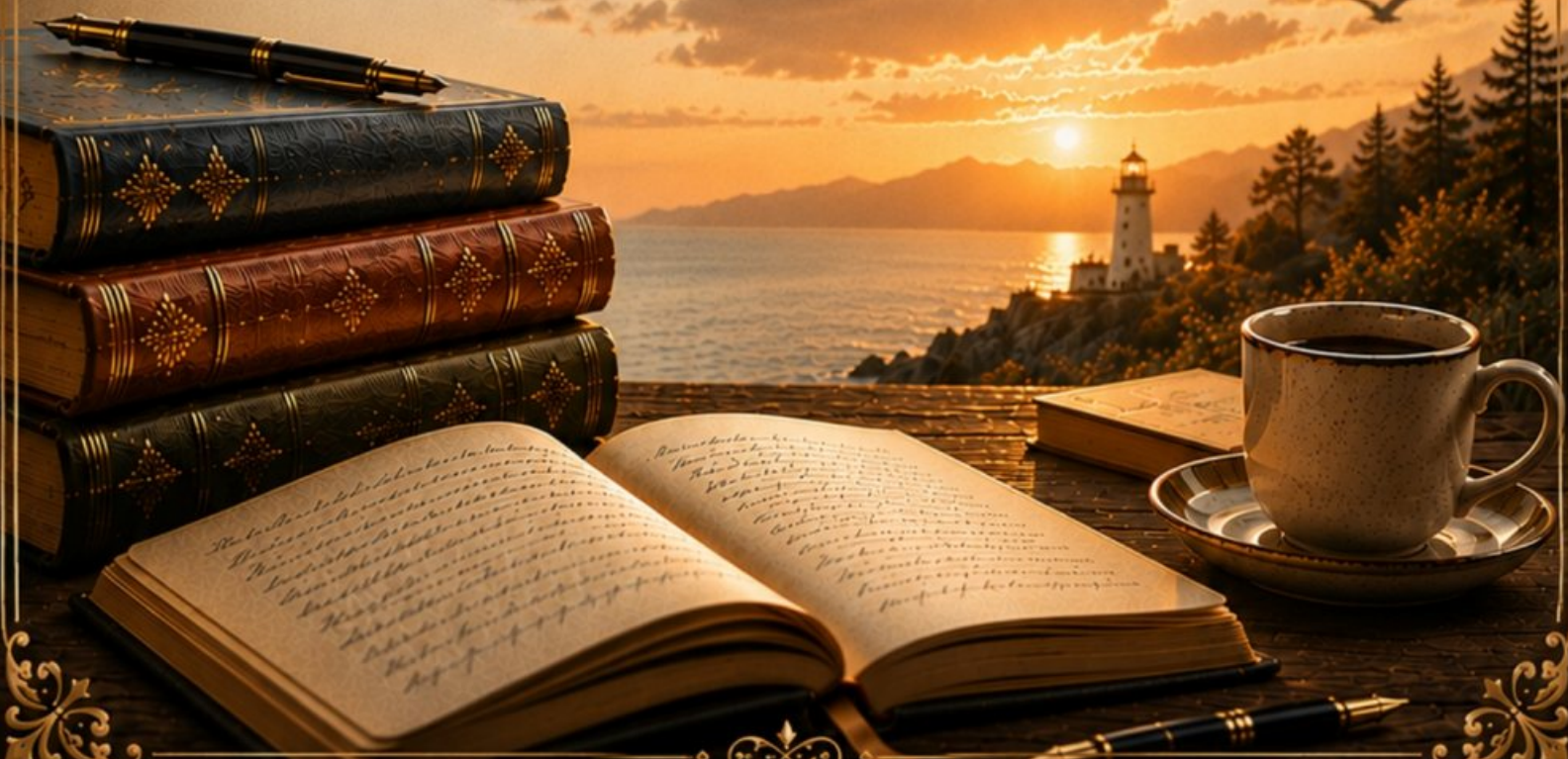
Tinha medo de parar.



— — — — —
APRESENTAMOS
— — — — —

O EVANGELHO DE SAMUEL
POR COSMOGENEALOGIA

Cosmogenealogia prenuncia o estudo sistemático e multidisciplinar que pretende estudar a origem, destino e natureza da Humanidade Terrestre, para além da condição física e circunscrita ao Planeta Terra, para além disso, relembra e resgata nossa condição de espíritos livres, energia quântica condensada, luz concentrada, enfim, Seres Cósmicos e Universais. Cosmogenealogia trata de espiritualidade em alto nível tendo como assunto vertical a transição planetária; todos os tomos, 4 no momento, estão disponíveis para download gratuito nesse mesmo perfil do Instagram. O Evangelho de Samuel é inédito e irá compor a obra Cosmogenealogia, tomo V, último da série, com lançamento para breve.



Samuel era intrépido, insolente. Rapa do tacho, filho temporão, vivia ali com seus pais já anciãos, na casa vazia dos irmãos mais velhos, espalhados por toda a Judeia. Mandava e desdizia, índole típica de filho mimado. Na vizinhança, metia medo nos meninos; era o terror do bairro. Sua fama chegava antes dele e já vinha assustando.

Certa vez, viu tal balbúrdia, um tumulto inesperado e estranho. Aproximou-se desconfiado e percebeu a atenção de todos os circunstantes voltada ao mancebo que estava ao centro e lhes falava com voz de trovão. Seu cabelo bipartido, à moda dos nazarenos, o delatava. "Que de bom vem da Galileia?", pensou de pronto.

Que encanto e que argumento causava aquele homem, não obstante sua alva túnica branca, que o destacava dos demais. Falava de coisas estranhas, de um mundo imaginário, mas com tal poder na voz e algo mais que o credenciava ao título de algum mestre, quiçá mais um profeta entre tantos outros de todos os tempos... mais um...

Mas suas palavras vinham cravadas a fogo, e aquilo o perturbava. Que afronta era aquela às santas Escrituras? Que atitude era essa que confrontava seus valores e crenças? Que empáfia e ousadia eram aquelas, ele que era tão zeloso dos rituais e da fé de seus pais e ancestrais, que, desde tempos imemoriais, cultivavam sua ortodoxia? Não seria possível que todos acordassem daquele encanto?

Abaixou-se e pegou uma pedra, um seixo de bom tamanho. Àquela distância, não tinha dúvida: sua margem de erro era de um sestércio, ou seja, entre um olho e outro. Premiu os dedos na pedra e escutou um trovão: — ...E, quando fores orar, entra em teu quarto, em silêncio, e ora ao Pai, que tudo vê e sabe...

Nesse momento, seus olhos se cruzaram com os do Nazareno, e ele afrouxou os dedos da pedra.

Estranha sensação o invadiu. Fora delatado em suas intenções sem ao menos se mexer...

Esgueirou-se para outro lugar, dissimulado, assumindo nova posição, agora até mais perto. Dali, o arremesso seria certo. Afinal, seria apenas o primeiro golpe. Na certa, despertaria o povo daquela pasmaceira e, uma vez acordados, poderiam continuar uma saraivada de pedras até fazer correr daquelas paragens tal criatura arrogante, pondo a perder os ensinamentos ancestrais.

Seria sua obrigação mínima, como lembrança diletta de seu nome, Samuel, alto dignitário de seu povo, aquele que ungira os reis Saul e Davi.

Seus olhos se estreitaram, aguçados. Premiu a pedra na mão mais uma vez. Quando um músculo foi acionado, ouviu, estupefato, de novo o estrondo de um trovão: — ...E, àquele que tomar tua capa, dá-lhe também a túnica...

E os olhos do Nazareno, como facho luminoso, o localizaram no instante do corisco.

Um frio lhe percorreu as entranhas. Como o descobrira, amoitado em sua nova trincheira? Aquele galego tinha algo mais, e isso o atordoou.

Largou o seixo e foi para casa macambúzio e pensativo.

A noite foi mal dormida. Acordou de madrugada, febril. Foi ao quintal. A lua cheia pairava no meio do céu. Pelo que havia de mais sagrado, solicitava ajuda, pois estava realmente muito mal. A cabeça fervia.

Tivera um pesadelo estranho: a Torá se abria e as letras volitavam, formando paisagens. Quase reconheceu sua própria vila. De repente, um vento forte; uma tempestade de areia cobriu tudo com altas dunas. Examinou ao redor e viu apenas a pegada da sandália de um homem sobre a areia.

"Que homem é esse cuja pegada a ventania não apaga?", pensou, aflito.

Nesse momento, um barulho próximo o assustou. Percebeu uma pedra que caíra ao seu lado. Observou-a. Era a mesma que pegara e com a qual intentara o apedrejamento. Como poderia esquecê-la? Escolhera-a a dedo, no tamanho e na medida exatos para seu intento.

— Como pode?! — exclamou no vazio do silêncio da noite. — Quem está aí? Perguntava ao nada, pois ninguém via. Mas, por certo, havia alguém escondido, querendo assustá-lo. — Quem és, desafortunado, que vem zombar do meu estado e ainda desafiar minha índole raivosa? Quem sois? Que quereis? Exasperou-se.

— Sou eu, Samuel, e importa que me sigas. Vem ter comigo no monte! Sobre esta pedra erguerei minha Igreja...

Disse a mesma voz potente que ouvira à tarde.

Nessa hora, pensou ter visto um vulto branco, alvo como a túnica do Nazareno, mas agora brilhante a ponto de quase cegá-lo. Ou teria sido a lua que baixara à Terra? Ou seria seu estado catatônico que o lançava em desvarios e delírios?

No outro dia, já estava bom. Acordara com uma vontade inaudita. Uma força o impelia e agia mais rápido do que seu próprio pensamento. Seu pensamento era sua vontade, mas sua vontade já não lhe pertencia.

Organizou seus apetrechos básicos com alguns víveres para poucos dias e acomodou-os no lombo de um pequeno burrico de estimação. Despediu-se dos pais, prometendo voltar em breve. Pôs-se na estrada sem sequer saber a direção, mas o burrico parecia conduzi-lo, até que se viu ao lado de uma estranha multidão que caminhava no mesmo sentido, rumo ao lago de Genesaré.

Ao fim da tarde, desemparelhou o burrico que, cansado, ajoelhou-se aos pés do promontório onde outros já estavam reunidos em um estranho silêncio, quando escutou, de novo, o trovão. Do alto do monte, estava aquele Nazareno, com a mesma túnica alva, mas

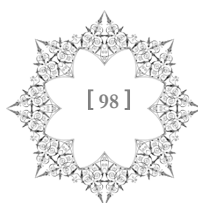
agora os cabelos pareciam caramelados em fogo, refletindo o sol que já se punha no horizonte.

— Bem-aventurados os mansos e pacíficos, pois eles herdarão a Terra...

Nessa hora, tirou do bolso a pedra — a mesma — e a lançou ao chão. A Igreja estava, para todo o sempre, cravada em seu coração.

Dias depois, já em Jerusalém, deu falta de seu burrico. Sem o saber, nele estava montado aquele mancebo de alva túnica, sobre quem Deus colocara todo o Seu beneplácito, aquele que honraria a glória de todos os seus ancestrais e estabeleceria o Reino dos Céus para todo o sempre sobre a Terra.

Era Domingo de Ramos.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:

CLIQUE AQUI